

# ILUSTRAÇÃO

N.º 244 — 11.º ano



CONHECES-ME ?

(Foto GARCEZ, L.da)

À VENDA A 4.<sup>a</sup> EDIÇÃO

# Donas de tempos idos

pelo CONDE DE SABUGOSA

D. Maria Pia, a «Ribeirinha» — D. Beatriz, Condessa de Arundel e de Huntingdon — D. Leonor de Áustria — D. Beatriz de Sabóia — As metamorfoses da Infanta — D. Francisca de Aragão — El-Rei D. Sebastião e as mulheres — Catarina de Bragança, Infanta de Portugal e Rainha de Inglaterra — D. Isabel de Portugal.

1 vol. de 332 págs., broch. . . . . **12\$50**

Pelo correio à cobrança **14\$00**



Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**  
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

À VENDA

A 5.<sup>a</sup> edição, de novo revista

10.<sup>o</sup> MILHAR

# SENHORA DO AMPARO

POR

**ANTERO DE FIGUEIREDO**

Da Academia das Ciências de Lisboa  
e da Academia Brasileira de Letras

DOIS PERFIS:

— Um curandeiro de obsessos.

— Um cura de almas.

1 volume de 250 págs. broch. . . . . **12\$00**

encad. . . . . **17\$00**

Pedidos à

**LIVRARIA BERTRAND**  
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

À VENDA

a 3.<sup>a</sup> edição, corrigida, de

# O Romance de Amadis

reconstituído por Afonso Lopes Vieira

1 volume de 230 páginas, ilustrado, brochado. . . . . **15\$00**  
Pelo correio, à cobrança . . . . . **16\$50**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

**SAMUEL MAIA**  
Médico dos hospitais de Lisboa

**O LIVRO DAS MÃES**

# O MEU MENINO

Como o hei-de gerar,  
crear e tratar se adoecer

1 vol. de 326 págs., ilustrado, encad., **17\$00**; broc., **12\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**, 73, R. Garrett, 75 — LISBOA

As edições da **LIVRARIA BERTRAND**, encontram-se à venda  
na **Mínerva Central** — Rua Consiglieri Pedroso  
Caixa postal 212 **LOURENÇO MARQUES**

**ESTÁ QUASI ESGOTADO**

# Almanaque Bertrand

para **1936**

**37.<sup>o</sup> ANO DA SUA PUBLICAÇÃO**

*Único no seu género*

A mais antiga e de maior tiragem de tódas as  
publicações em língua portuguesa

**RECREATIVO E INSTRUTIVO**

Colaborado pelos melhores autores e desenhistas  
portugueses e estrangeiros

**LIVRO MUITO MORAL**

podendo entrar sem escrúpulo em tódas as casas  
Passatempo e Enciclopédia de conhecimentos úteis

Colaboração astronómica e matemática muito interessante  
por professores de grande autoridade nestes assuntos

**Encontra-se à venda em tódas as livrarias**

Um grosso volume de 384 págs., ornado de 407  
gravuras, cartonado . . . . . **10\$00**  
Encadernado luxuosamente . . . . . **18\$00**

Pelo correio à cobrança, mais 2\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Encontra-se à venda a 5.<sup>a</sup> edição desta obra admirável

# PÁTRIA PORTUGUESA

Obra louvada em portaria do Governo de 20 de Dezembro de 1913  
e aprovada para prémios escolares por despacho ministerial de 23 de Julho de 1914

Capa a côres de **ALBERTO DE SOUSA**

1 vol. de 336 págs., broch., **Esc. 12\$50** — Pelo correio à cobrança **Esc. 14\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — 73, Rua Garrett, 75-LISBOA

Um livro aconselhavel a toda a gente



## A SAÚDE A TROCO

de um quarto de hora de exercicio  
por dia

# O MEU SISTEMA

POR **J. P. MÜLLER**

O livro que mais tem contribuido  
para melhorar fisicamente o homem  
e conservar-lhe a saúde

O tratado mais simples, mais ra-  
zoavel, mais pratico e útil que até  
hoje tem aparecido de cultura fisica

## Eficaz e benemérito

verdadeira fonte de saúde e de bem  
estar fisicos e morais

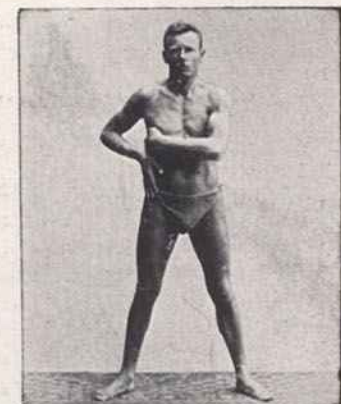
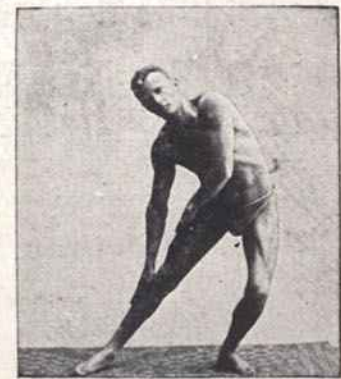
1 vol. do formato de 15×23 de 126 págs., com  
119 gravuras, explicativas, broch. . . . **8\$00**

pelo correio à cobrança **9\$00**



Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA



Acaba de ser posto à venda

# PENSADORES BRASILEIROS

PEQUENA ANTOLOGIA

POR CARLOS MALHEIRO DIAS

INDICE: Prefácio — Gilberto Amado — Ronald de Carvalho — Baptista Pereira — Azevedo Amaral — Gilberto Freire — Tristão de Ataíde — Plínio Salgado

1 volume brochado . . . 8\$00

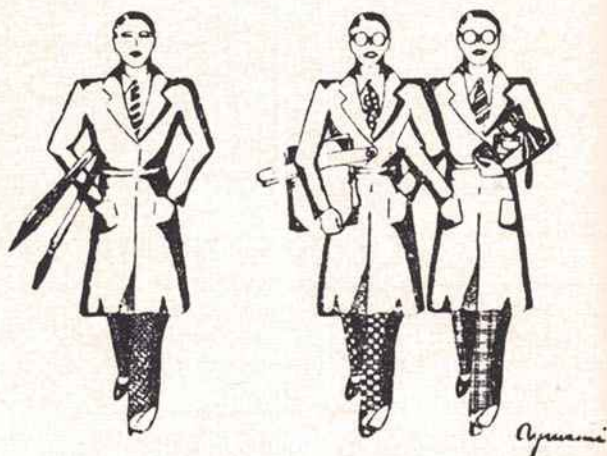
Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

## GRAVADORES

## IMPRESSORES



TELEFONE

21308

# BERTRAND

# IRMÃOS, L<sup>DA</sup>

TRAVESSA DA CONDESSA DO RIO, 27 - LISBOA

## Excursões a preços reduzidos

ao Triângulo de Turismo e ao Estoril  
com refeições nos hotéis de Estoril e Sintra

Nas estações de Cais do Sodré ou Lisboa-Rossio estão à venda, diariamente, para estas excursões os bilhetes seguintes a preços reduzidos:

— De Cais do Sodré a Estoril-Sintra-Rossio, com direito a almoço no Estoril e jantar em Sintra, ou vice-versa

Por passageiro	1. <sup>a</sup> Classe . . . . .	48\$00
	2. <sup>a</sup> Classe . . . . .	42\$00

— De Cais do Sodré a Estoril e volta, com direito a almoço e jantar no Estoril

Por passageiro	1. <sup>a</sup> Classe . . . . .	45\$00
	2. <sup>a</sup> Classe . . . . .	39\$00

— De Cais do Sodré a Estoril e volta, com direito a almoço **OU** jantar no Estoril

Por passageiro	1. <sup>a</sup> Classe . . . . .	30\$00
	2. <sup>a</sup> Classe . . . . .	25\$00

## A Pele Embranquece

Ao Contacto de Uma Nova Substância

### Mágica



Descoberta de um Químico, por um Feliz Acaso

Quando um químico parisiense deixou cair acidentalmente um pouco de «Branco de Oxigénio» puro em cima do seu braço nu, não imaginava que acabava de ser feita uma maravilhosa descoberta para embranquecer e purificar a pele. Mesmo à sua vista, se destacavam as rugosas escamas da pele, e desapareciam as imperfeições e as manchas, revelando uma nova epiderme fresca e clara, duma textura branca e fina. Experimentado no rosto de numerosas senhoras, tornou-lhes a pele de 3 a 5 tons mais branca e deu-lhe uma indescritível maciez aveludada, semelhante à das partes delicadas e cuidadosamente protegidas do corpo. Por privilégio exclusivo, este «Branco de Oxigénio» está agora contido no novo Creme Tokalon, Cór Branca (não gorduroso). Penetra na pele, que purifica, dissolve e faz desaparecer todos os pontos negros, contrai os poros dilata-



dos e dá à tez um novo brilho luminoso, nunca obtido antes com qualquer produto de «toilette» ou de beleza. Apesar da adição do «Branco de Oxigénio» ao Novo Creme Tokalon, Cór Branca, o seu preço não foi aumentado. Comece V. Ex.<sup>a</sup> a empregá-lo hoje mesmo e verificará os seus resultados rápidos. O sucesso está garantido; de contrário, será reembolsada do seu dinheiro.

À venda em todas as perfumarias e boas casas da especialidade.

Não encontrando, escreva ao Depósito Tokalon - 88, Rua da Assunção, LISBOA — que atende sem demora.

# ILUSTRAÇÃO

grande revista portuguesa  
Director ARTHUR BRANDÃO

Pelo carácter desta revista impõe-se o dever de registar todos os acontecimentos e publicar artigos das mais diversas opiniões que possam interessar assinantes e leitores afim de se manter uma perfeita actualidade nos diferentes campos de acção. Assim é de prever que, em alguns casos, a matéria publicada não tenha a concordância do seu director.

QUANDO este número da «Ilustração» correr já impresso pelas mãos dos seus leitores devem ter soado, para a Espanha, horas duma excepcional importância histórica. O povo do país vizinho vai no dia 16 manifestar nas urnas a sua vontade. É esse facto que ter repercussões de incalculável alcance.

Para efeitos da batalha eleitoral que vai travar-se, a Espanha encontra-se dividida em duas frentes — Esquerdas e Direitas, segundo a nomenclatura convencional. Este facto é grave, tanto mais que essas duas forças irreductíveis se equilibram — o que, por um paradoxo conhecido em política, torna difícil o equilíbrio do Poder.

Esta rarefacção do Centro em proveito dos extremos é um facto característico da evolução política da nossa época. Mas em Espanha atinge o auge da intensidade e isso vai da psicologia da raça. O espanhol não conhece meios termos, soluções intermédias, processos de transição. O seu temperamento ardente, impetuoso, impulsivo, leva-o a procurar remédio para os seus males em métodos radicais e muitas vezes opostos.

É isto que dá às eleições espanholas o seu carácter dramático. Com a neutralidade indicada nestes casos — e tantas vezes esquecida entre nós — resta-nos desejar que o povo do país vizinho encontre, na actual consulta às urnas, a solução do grave problema social da hora presente.

A morte repentina do general Condylis, principal obreiro da restauração monárquica na Grécia, vem recordar uma estranha coincidência ocorrida com o glorioso militar.

Durante a guerra greco-turca de 1912, o regimento do Condylis foi destruído num combate com o inimigo e o heróico oficial foi dado por morto.

Todos os seus parentes vestiram luto, à excepção da mãe. Inspirada pela sua intuição maternal, recusava-se a acreditar na morte do filho. E afirmava que uma vidente lhe garantira que o filho não morreria sem ter ocupado o mais alto cargo do seu país.

De facto, Condylis escapara e pôde voltar para junto dos seus. E o que é surpreendente é que morre dois meses depois de ter entregue nas mãos de Jorge II o seu cargo de Regente — suprema magistratura da Grécia até à chegada do soberano!

Causaram desproporcionada emoção, as afirmações produzidas na Câmara dos Comuns por Lansbury e Lloyd George, em que se aventou a ideia duma redistribuição colonial feita à custa dos pequenos países que possuem extensos domínios ultramarinos, como a Bélgica, a Holanda e Portugal.

Se a hipótese é em si alarmante, a verdade é que a sua origem tira-lhe muito do significado que poderia ter. Lansbury e Lloyd Georges são, sem dúvida, políticos dignos de consideração,

## CRÓNICA DA QUINZENA

mas pertencem à categoria dos que vivem afastados das realidades. O primeiro pertence à facção utopista do «Labour Party» e o segundo, após um período de brilhante actividade como estadista, ganhou foros a uma posição pessoal em que a sua fantasia se exerce com plena liberdade. Pelo seu carácter idealista, tanto um como outro são, para o povo britânico essencialmente prático, elementos de compensação, mas de reduzida influência política. Quem conhece o inglês sabe que elle não desdenha ouvir divagar, mas para seguir depois os princípios mais positivos.

Ora a realidade é que a redistribuição proposta é impraticável. Vivemos numa época demasiado avançada para a prática de expropriações pela violência — ainda mesmo quando o expoliado é um país semi-bárbaro como a Abissínia — e demasiado atrasado para os cândidos idealismos de Lloyd George e Lansbury.

A guerra ítalo-etíope arrasta-se, ante a expectativa já um pouco cansada, do Mundo inteiro. Italianos e abexins atribuem-se mutuamente grandes reveses. Não é fácil, no emaranhado das notas e desmentidos, formar uma ideia concreta da verdadeira situação dos beligerantes. E isto tem a vantagem de deixar a cada um campo aberto às suas preferências, regozijando-se ou entristecendo, conforme o seu temperamento lho pedir.

É cedo para se conhecer a verdade sobre os acontecimentos. O veu que envolve o que se está passando na Etiópia é espesso e não pode ser levantado com facilidade. Sirva de exemplo a seguinte história que colhemos em «Le Travail», de Genebra:

«Há dias um habitante de Genebra recebeu uma carta da parte dum seu amigo, oficial italiano que se encontra na Abissínia. Esta carta fôra expedida duma pequena região ocupada havia pouco pelas tropas do marechal Badoglio. Eis as passagens essenciais: «A região é assás bela, o clima suportável e o moral excelente. Vivemos bem. Peço-te para guardares os selos desta carta porque terão certo valor quando nos apoderarmos da Etiópia». O destinatário, surpreendido por esta última frase, e sabendo que o seu amigo não era filatelista, descolou com

precaução os selos do sobrescrito. Encontrou escritas por trás as seguintes palavras. «Vivemos num verdadeiro inferno e morremos aos milhares».

A América do Norte festejou em Novembro do ano findo o centenário do nascimento do grande humorista conhecido pelo pseudónimo de Mark Twain.

O facto coincidiu com a descoberta de manuscritos inéditos do grande escritor que acabam de ser publicados. Contêm aforismos modelados com essa graça e fantasia que fizeram a sua celebridade. Eis alguns exemplos:

«O senso moral permite-nos reconhecer o que é moral — e evitá-lo. O senso imoral permite-nos reconhecer o que é imoral e disfrutá-lo».

«Pela bondade de Deus, nós, americanos, temos no nosso país estas três cousas indizivelmente preciosas: a liberdade da palavra, a liberdade da consciência e o bom senso de não utilizarmos uma nem outra».

«A boa educação consiste em ocultar a grande importância que atribuímos a nós próprios e o pouco caso que fazemos dos outros».

A Inglaterra que, confiada na eficácia dos Tratados, descuidara os seus armamentos, procura agora recuperar o tempo perdido e desenvolve um esforço formidável em matéria de marinha de guerra e aviação. Dentro dum ano ter-se-ão construído 5.600 novos aviões de combate, o que dará à quinta arma britânica um lugar de primeiro plano na Europa.

É curioso registar que alguns dos aparelhos projectados são construídos segundo os planos do engenheiro russo Igor Sikorsky. Este, que é hoje uma competência reconhecida no assunto, lutou de princípio com a incompreensão dos construtores. Como é também um pianista de mérito, conheceu nas horas de adversidade o célebre compositor Rachmaninoff, que o auxiliou a continuar os seus trabalhos.

Quando construiu o modelo agora adoptado pela aviação britânica, Sikorsky precisou de fazer experiências com carga máxima. Teve porém escrúpulo de arriscar vidas humanas e embarcou no avião dois pianos de cauda que Rachmaninoff lhe emprestou.

A situação no Extremo Oriente continua confusa e inquietante. Japoneses e manchus dum lado, e mongóis apoiados pelos russos do outro, batem-se como se guerra houvesse. Perdem-se e conquistam-se aldeias e nestas regiões mal delimitadas os postos fronteiriços mudam de ocupadores com a consequente perda de vidas.

Este crepitar de faíscas junto de tantas barricadas de pólvora tem o seu quê de alucinante. Nunca se sabe qual delas produzirá a explosão, mas o perigo não deixa por isso de ser iminente.

O conflito italo-etíope e o sistema de sanções posto em vigor pela S. D. N. contra a Itália, vieram dar palpitante actualidade ao problema do petróleo, cuja exportação para aquele país se estuda actualmente em Genebra a forma do embargo.

Esse líquido combustível que tão largas aplicações tem hoje, é incontestavelmente o sangue do mundo moderno. Toda a actividade dum país lhe está mais ou menos ligada, e de tal modo que a sua falta significa a paralisação e a morte. E' essa pois uma das armas mais eficazes de que a S. D. N. dispõe para fazer regressar à razão um país que rompeu os seus compromissos, recorrendo à guerra.

Digamos a propósito que apesar de ter sido conhecido desde a mais alta antiguidade, o petróleo só em meados do século xix foi, na realidade, descoberto para a ciência e, consequentemente, para a industria. Foi de facto em 1858 — há menos dum século, portanto, — que o americano Drake, ao fazer uma perfuração viu com assombro surgir das entranhas da terra um líquido viscoso. Sujitou-o a uma depuração elemental e verificou que ardia com uma forte chama. Daí lhe veio a ideia de o utilizar para

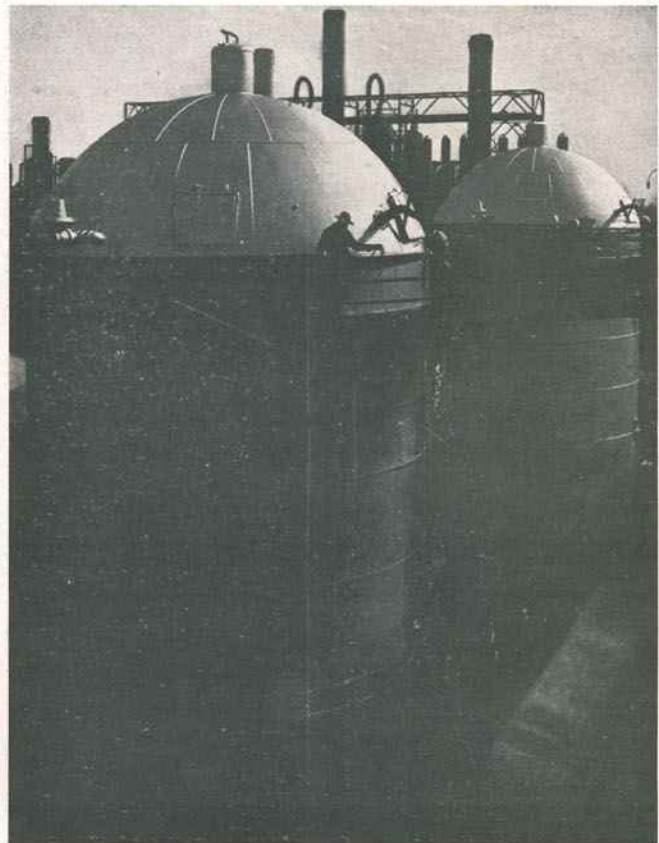
usos industriais, no que não tardou em ser seguido por muitos.

Tal é, nos tempos modernos, a origem do uso do petróleo. Alguns sábios, contudo, pretendem que os chineses já procediam à extração da nafta dois séculos antes do nascimento de Cristo. Não a refinavam mas serviam-se dela para a iluminação, applicavam-na como específico contra as afecções da pele e davam-na a respirar aos doentes dos pulmões.

Entre os povos de raça branca, o petróleo foi, como já vimos, desconhecido até uma data bastante recente. E não deixa de ser curioso recordar que em 1808, o comandante da região do Baku, hoje grande centro petrolífero, enviou aos seus superiores em S. Petersburgo um relatório em que assinalava a existência dum espécie de óleo que brotava da terra e para o qual pedia a esclarecida atenção da Academia das Ciências. A sua observação foi escutada e uma comissão de sábios dirigiu-se ao local para estudar a substância em questão. Foram as seguintes as conclusões a que chegaram :

«O petróleo é um líquido mineral desprovido de toda a utilidade. Pela sua natureza é um líquido viscoso que cheira mal. Não pode ser

Um impressionante aspecto de gigantescos reservatórios norte americanos da nafta



A POLÍTIAS SANÇÕES

O embargo da exportação de petróleo para a Itália

é uma das mais poderosas de que a S. D. N. dispõe

Recorda-se a célebre frase de Clemenceau em 1917 —

“cada gota de petróleo vale uma gota de sangue”

utilizado de forma alguma. Poderia quanto muito servir para lubrificar as rodas das carroças que rangem».

Eis como o petróleo era considerado, em princípios do século passado, pelas mais altas sumidades científicas.

Escusado se torna dizer que nos últimos tempos as applicações do petróleo têm aumentado, a ponto d'este combustível destronarem o carvão.

Mais do que o dinheiro, o petróleo é hoje o nervo da guerra. Sem gasolina, os aviões não podem voar, os camiões e automóveis ficam impossibilitados de andar, os poderosos regimentos motorizados ficam privados da acção. Sem os óleos pesados, todos os navios de guerra — couraçados, cruzadores, torpedeiros, submarinos e até os simples transportes de tropas — estão condenados à immobilidade. Sem lubrificantes, as engrenagens dos maquinismos, os eixos dos vagões não podem funcionar. E sem certas essências tiradas dos sub-produtos da refinação da nafta, não se podem fazer alguns gases asfixiantes.

Um exército subitamente privado do petróleo sofre, por consequência, uma paralisação repentina, tal como um carro eléctrico a que falta a corrente.

Nestas condições, um país que não tem petróleo, não tem exército, qualquer que seja o valor e equipamento militar dos seus soldados.

A experiência da Grande Guerra provou-o claramente. No fim de 1917, quando as reservas dos Aliados eram insuficientes, Clemenceau escrevia ao Presidente Wilson esta frase histórica «cada gota de petróleo vale uma gota de sangue». Foi por não terem em abundância o precioso carburante que os alemães não puderam lançar a tempo os seus soldados quando por duas vezes romperam a frente inimiga. Impossibilitados de se deslocar rapidamente, deram tempo aos Aliados para refazerem as suas linhas. Foi este conjunto de factos que levou Lord Curzon a exclamar após o armistício: «Fomos levados à vitória sobre ondas de petróleo».

Ora de 1918 para cá as necessidades de petróleo nos Exércitos não têm feito senão aumentar. Por um lado, devido ao desenvolvimento da aviação. Por outro, em consequência da motorização de grande número de unidades.

Compreende-se bem que, nestas condições, a sanção do petróleo seja a arma mais eficaz de que dispõe o organismo de Genebra. Mas serão os seus efeitos tão rápidos como se pretende? E' fora de dúvida que a Itália é um país muito vulnerável na questão do petróleo. O seu único jazigo conhecido é o da Sicília, cuja produção foi em 1934 de 20.000 toneladas. Quantidade ínfima se considerarmos que o consumo médio do país por ano é de milhão e meio de toneladas.

produzir 100.000 toneladas de petróleo sintético. Mas o preço d'este seria quatro vezes superior ao do produto natural e a construção da aparelhagem necessária à transformação levaria longo tempo.

Resta o alcool como succedâneo da gasolina. E para intensificar a produção d'este foi elevada de 90.000 para 130.000 hectares a área da cultura da beterraba.

Tudo isto é insuficiente. Na opinião dos mais optimistas a produção nunca pode atingir metade do consumo normal.

Há, porém, a questão das reservas acumuladas, de cuja importância depende uma duração mais ou menos longa da resistência da Itália à sanção. E' difícil avaliar, ao certo, as quantidades armazenadas. E' de supor, porém, dadas as condições difíceis do Tesouro italiano, que não sejam tão importantes quanto o Governo fascista poderia desejar.

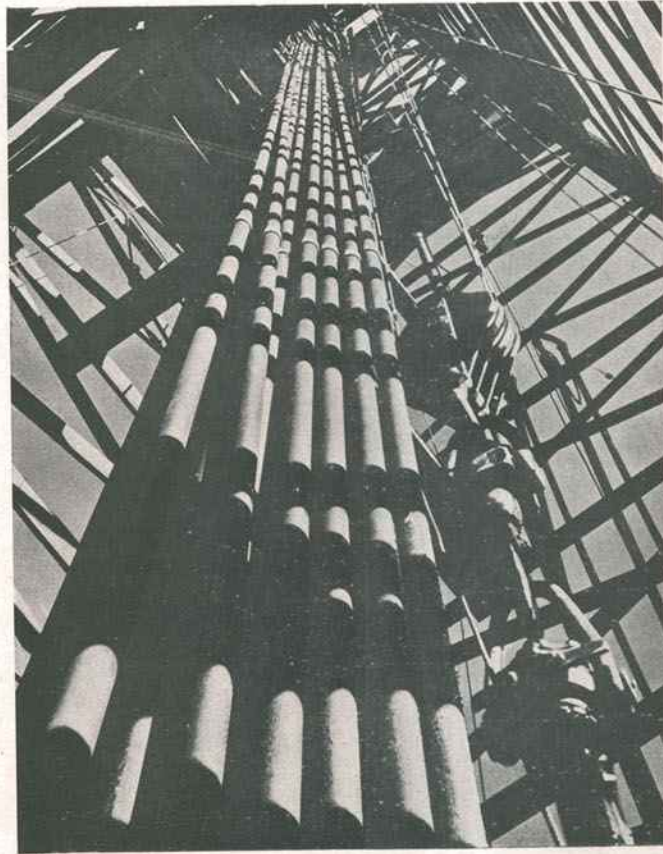
Em todo o caso, os peritos da S. D. N. encarregados da elaboração dum relatório sobre as condições da eventual applicação do embargo, calcularam essas reservas em um milhão de toneladas, o que corresponde aproximadamente ao consumo de dez meses. A ser assim, o efeito da celebrada sanção não se faria sentir com a rapidez desejada e a Itália poderia persistir longo tempo ainda na sua attitude de intransigência. Mas a emoção que a hipótese do embargo tem suscitado em Itália faz supor que as cousas não se apresentam com aspecto tão favorável para aquele país.

A unanimidade dos membros da S. D. N. sobre a applicação do embargo, desde que este seja posto à votação, não dá lugar a dúvidas. Os principais países produtores que fazem parte do organismo genebrino declararam-se dispostos ao sacrificio das suas exportações para Itália. Mas para que esse sacrificio não resulte inútil é necessário que os Estados Unidos cooperem nessa politica de sanções, pois de outro modo a Itália passaria a abastecer-se naquele país, tornando o embargo improfructivo.

O presidente Roosevelt manifestou vontade de facilitar a acção da S. D. N. Mas os poderes que o Congresso lhe conferiu não são bastante latos para o fazer. Limitou-se pois a aconselhar os produtores a não exportarem para Itália e a exercer mesmo influencia sobre algumas empresas subvencionadas pelo Governo.

O problema apresenta-se, portanto, de difícil solução. Tanto mais que nêe estão envolvidos os interesses das poderosas empresas petrolíferas que exercem, neste caso, influências secretas que tornam difficil um accordo.

Assim, esta sanção, sendo a mais eficaz, é também a que maiores difficuldades apresenta para applicação na prática. E isso justifica as hesita-



O interior duma das torres que sobrepõem os pozos de petróleo

ções de Genebra em se servir duma arma, que pode redundar em desprestígio do todo o sistema.

Entretanto, a inquietação em Itália aumenta. A ameaça que pesa sobre o país é sem dúvida terrível. Qual será a sua reacção no caso do golpe chegar a ser vibrado? Na opinião de muitos, Mussolini dará ordem de retirada teatral aos seus delegados em Genebra. Será um mero protesto platónico que em nada modificará a situação.

A hipótese dum acto de desespero, representado por um ataque súbito à esquadra britânica, parece dia a dia mais improvável. E' se levado a crer que as sugestões mais ou menos discretas feitas nesse sentido, nunca passaram de expedientes ingénuos destinados a amedrontar a S. D. N.

A angústia italiana é neste caso facilmente compreensível. Se o embargo for votado e as reservas do país se encontrarem esgotadas antes duma vitória decisiva sobre os abexins, o exército invasor ficará exposto a um terrível reves. Toda a máquina militar de que a Itália se orgulha será atacada de paralisação e os etíopes terão então sobre os invasores nítida vantagem.

Esta hipótese não convém igualmente aos in-

gleses. Uma vitória retumbante dum país de raça negra teria graves inconvenientes para as potências colonias.

E' de supor, portanto, que a questão não chegue a esses extremos. Mas é também difficil prever qual será a solução definitiva d'este problema que se afigura hoje insolúvel.

A importância do petróleo nunca foi esquecida pelos dirigentes da politica do Império Britânico. Em todos os jazigos situados ao longo do caminho das Índias o capital inglês luta pela supremacia. Em alguns casos o accionista é o próprio Almirantado. A frase de Lord Curzon: «quem tem o petróleo tem o Império», está pois bem presente no espirito dos estadistas britânicos.

Contudo, a metrópole, que é abundantíssima em hulha, não possui petróleo. E desde que a marinha de guerra substituiu o carvão pelos óleos pesados, esse facto constitui um grave inconveniente, cuja solução acietaria muitas das preocupações da Inglaterra.

Procura-se, portanto, produzir o petróleo sintético por meio da hidrogenização da hulha. E' o que já se começou a fazer, numa escala limitada, com os melhores resultados.



A princesa Vict6ria de Hohenzollern com o seu marido

# O PRINCIPE CARVOEIRO

**M**ORREU há dias, no Luxemburgo, um indivíduo chamado Alexandre Zubkof que desempenhava as funcções de carvoeiro num hotel daquêle principado.

O caso teria passado despercebido, visto morrerem carvoeiros todos os dias sem que as agências de grande informação se preocupem com isso.

Um carvoeiro a menos, que importaria ao mundo?

É que êsse rapaz falecido agora no Luxemburgo, com 35 anos, havia sido o famoso aventureiro russo que tivera antes de conquistar o coração da princesa Vict6ria da Prússia, irmã do kaiser, a ponto de a levar aos pés do altar como esp6sa. Ela já passava dos sessenta, e êle tinha completado os vinte havia pouco tempo. Mas que importava isso se o amor não escolhe idades, e o coração nunca envelhece?

Logo após a guerra, Alexandre Zubkof, dando-se ares de homem fatal, conseguiu entrar na intimidade da velha princesa, dizendo-lhe talvez que nunca em dias da sua vida, embora curta, encontrara tão sedut6ra mulher! Seria uma princesa para todo o mundo, mas para êle era mais do que isso, era a imperatriz do seu coração.

Andava a correr terras, na intenção de representar ao vivo o her6i dos *Sinos de Corneville*, e, durante as suas longas viagens, "sulcando os mares, encontrara peruvianas, italianas, circassianas, lindas burguesas, mil camponesas e até princesas", mas nenhuma como a sua adorada Vict6ria de Hohenzollern. Encontrara finalmente a deusa dos seus sonhos, e, por isso, não arredava dali, tal como o inocente passarinho que se sente fascinado pela cobra magestosa. E assim passou a viver no palácio de Schaumburg, no Rêno, rodeado de todo o conforto e com tôdas as honras de um verdadeiro príncipe.

O dinheiro da confiada princesa passou a ser arejado como nunca ante a indignação de tôdas as pess6as amigas da família imperial e até dos próprios criados.

Assim decorreram cinco anos, até que o aventureiro se resolveu pagar a sua dívida de honra, casando-se com a princesa,

A princesa Vict6ria junto de um retrato de sua tia a rainha Vict6ria de Inglaterra

apesar de todos os esforços empregados pelo kaiser para impedir uma tal ligação que, não só lhe conspurcava os pergaminhos, mas lhe dava cabo da fortuna da irmã. Tudo foi em vão. Zubkof casou e, passados tempos, arvorado em marido e senhor, entendeu passar a ser carasco, chegando a dar cargas de pau na pobre princesa, como se ainda estivesse nas desabrigadas estepas da Sibéria a lidar com bêstas de carga.

Mais uma vez o kaiser tentou intervir, enviando emissários que procuraram obter o div6rcio a trôco de compensações razoaveis para as duas partes.

Zubkof não foi humilde a pedir: milhão e meio de marcos-ouro pela princesa sua mulher, e era um ovo por um real! Onde é que se encontraria uma princesa autêntica por tal preço? O kaiser assim o entendeu também, visto ter aceitado a proposta sem discutir nem regatear, sendo imediatamente o pacto levado em contrato.

Faltava só chegar o dinheiro. Enquanto esperava, Zubkof entretinha-se a dar massagens de bengala à princesa que tudo ia suportando com resignação em desconto dos seus pecados.

Quando chegaria o dinheiro do Holanda?

Foi neste meio tempo que a princesa morreu, inutilizando um dos mais belos negócios do aventureiro.

Escusado será dizer que, após a morte de sua irmã, o kaiser não pensou mais em cumprir o contrato feito com o cunhado.

Êste, juntando o pouco que lhe restava do aventureiro que se arvorou em cunhado do Kaiser na intenção de lhe extorquir uma bonita soma de dinheiro não tinha pés nem cabeça, como costuma dizer-se.

tava do aventureiro cons6rcio, e após ter descido várias escalas, foi parar como carvoeiro a um hotel do Luxemburgo.

Nos últimos tempos, Zubkof tentou forçar seu cunhado a cumprir o contrato, chegando a entregar o caso a vários advogados franceses. Um dos seus mais curiosos planos consistia em obrigar o kaiser a pagar-lhe o que lhe devia por intermédio da Sociedade das Nações!

O kaiser, no seu exílio de Hoorn, muito deveria ter rido à custa das ilusões do seu cunhado carvoeiro.

Noutros tempos, o celebrado moleiro de Sans-Souci, na sua resposta ao grande Frederico da Prússia, gritara bem alto: "ainda há juizes em Berlim!"

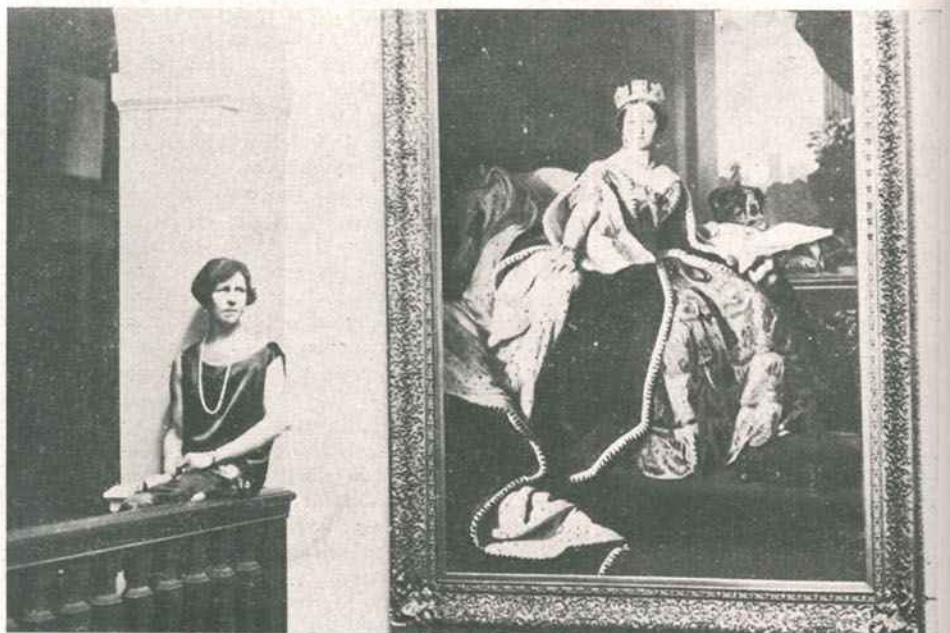
É certo que o moleiro que tão arrogantemente se encrespava com o poderoso soberano da Prússia tinha carradas de razão e daí a sua confiança na inflexibilidade da justiça dos juizes de Berlim. Admitindo mesmo que Guilherme II não tivesse a integridade do seu glorioso antepassado, não deixaria de aceitar como bom o *verdictum* que o condenasse.

Mas a querela do aventureiro que tivera antes de se arvorar em cunhado do Kaiser na intenção de lhe extorquir uma bonita soma de dinheiro não tinha pés nem cabeça, como costuma dizer-se.

Além disso, a magnificência de Frederico, o Grande, não serviu de exemplo.

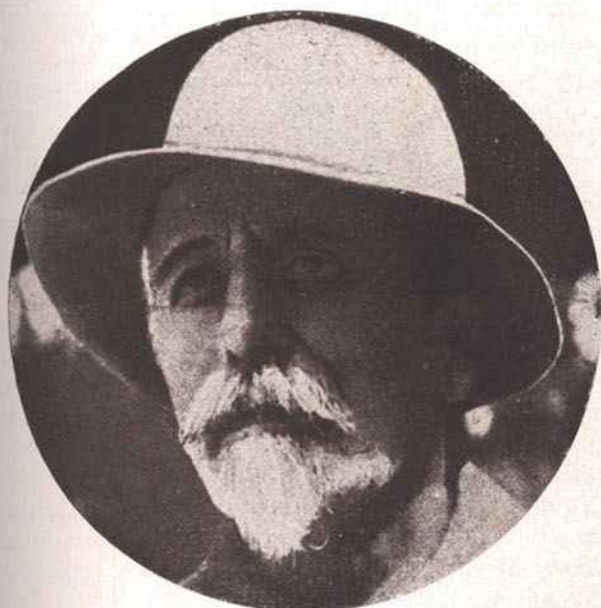
Os tempos mudaram. Se a Alemanha, devendo muito mais ao mundo inteiro, arranhou maneira de não pagar a ninguém, como é que o kaiser poderia abrir um mau precedente?

O carvoeiro Zubkof lá morreu a sonhar com o milhão e meio que nunca chegou, enfarruscado de corpo e alma pela sua profissão e pelas feias acções que se fartou de cometer enquanto teve livre trânsito por êste mundo.



# A vida do "rei das armas"

## conhecido por "o homem misterioso da Europa"



Sir Basil Zaharoff

Quasi se não pode falar da guerra, armamentos e munições sem evocar a estranha figura de sir Basil Zaharoff, conhecido pela denominação de «o homem misterioso da Europa».

Quem é Zaharoff? Um dos primeiros traficantes de armas do Mundo inteiro. O seu nome está associado a todas as questões internacionais do século presente, e a lenda, mais ou menos verdadeira, que à sua volta se criou, apresentando-o como autor dos mais singulares manejos.

O que se sabe de positivo sobre este homem é pouco. Apenas que, provindo de origens obscuras, amassou uma das maiores fortunas da Europa. Tipo perfeito de grande traficante internacional, a sua actividade nunca conheceu limites nem aceitou fronteiras. Teve sempre um objectivo único: vender armamento. O destino que lhe era dado não lhe podia interessar. Por isso, onde quer que um conflito surgia era certo encontrá-lo a negociar com os dois litigantes, vendendo armas a amigos e inimigos. A sua gigantesca fortuna tem, portanto, de sinistro o ter sido edificada sobre os horrores e desolações do campo de batalha.

Donde surgiu este homem misterioso? Não é fácil dizê-lo. Documentos oficiais, ou pelo menos apresentados como tal, atribuem-lhe quatro naturalidades diferentes. Não que as cidades disputem entre si a honra de lhe ter servido de berço, como sucede com Homero. Mas porque ele próprio parece ter interesse em manter a incerteza a tal respeito.

Robert Neumann, um dos seus biógrafos, regista no livro que consagra ao misterioso personagem as versões sobre a sua origem. Em 1873, Zaharoff declarava perante um tribunal inglês ter nascido em Tavatla, bairro miserável de Constantinopla. Mas em 1892, quando é já um membro influente da fabrica de metralhadoras e submarinos Maxim Nordenfelt, exhibe uma certidão, validada pelo patriarca de Constantinopla, que o dá como tendo nascido em Mouchliou, na Austrália. Noutra ocasião, Zaharoff declarou ter nascido em Constantinopla, mas em Phanar, que é o bairro aristocrático da cidade. E, finalmente, um indivíduo que se apresenta como seu filho natural atribue-lhe ainda outra origem.

Este pormenor, que não tem aliás grande interesse, mostra a que ponto são confusas e contraditórias as lendas que correm sobre o poderoso «rei das armas» e que ele próprio tem fomentado para melhor passar despercebida a sua actividade.

A sua existência tem o caracter duma maravilhosa ascensão. Eis em resumo como a reconstituiu, por meio de pacientes investigações, o biógrafo atrás citado:

Em 1873, Basil Zaharoff encontra-se em Londres, onde esteve a contias com a justiça, acusado de desviar mercadorias pertencentes a um tal Hiphantides, comerciante em Constantinopla.

O tribunal não se mostrou severo e Zaharoff obteve a liberdade mediante uma caução de 100 libras.

Quatro anos depois aparece como representante da firma Nordenfelt nos Balcans. Este Nordenfelt é um inventor que obteve numerosas patentes sobre a técnica das armas e construiu o primeiro submarino que pôde realmente navegar e manobrar debaixo de água.

Logo que o tratado de Berlim pôs fim à guerra turco-russa, Zaharoff vende dois submarinos à Turquia, sua presumível pátria. Até aqui nada de mais natural. Mas logo a seguir vende também à Rússia, a inimiga da véspera.

Tempo depois Zaharoff consegue eliminar o seu sócio Nordenfelt e liga-se com o inventor de metralhadoras Maxim. A nova firma Maxim-Zaharoff adquire reputação graças à inextinguível habilidade do misterioso turco para conduzir os negócios. Assim, anos mais tarde a «Vickers» compra-a por 1.353.334 libras, que são pagas parte em dinheiro, parte em acções. Zaharoff tomava deste modo de assalto a poderosa empresa britânica, onde a sua influência ia desenvolver-se de forma surpreendente. De então para cá toda a acção do «rei das armas» gira, sobretudo, em torno desta firma.

Para que se faça uma ideia do que foi a actividade da «Vickers» durante a Grande Guerra citamos alguns dados colhidos no livro de Robert Neumann:

No período 1914 a 1918 aquela firma forneceu: 4 «dreadnoughts», 3 couraçados, 53 submarinos, 62 barcos pequenos, 3 navios auxiliares, 3.328 canhões pesados, de marinha, de campanha e obuzes, 100.000 metralhadoras, 5.500 aviões e um número desconhecido de blindagens e armas ligeiras. Calcula-se que estas operações tenham rendido à «Vickers» 44 milhões de libras

e que 60% deste lucro tenham ido parar às mãos de Basil Zaharoff.

Os processos de que este homem misterioso se serviu para afirmar a sua influência são motivo de aneddotas curiosas de que vamos reproduzir duas.

Em certa ocasião, Zaharoff operava na Rússia e tentava obter uma importante encomenda de material de guerra. O negócio parecia bem encaminhado, mas encontrava resistência por parte de certo major. Este oficial fumava e Zaharoff teve a ideia de meter uma nota de mil rublos na sua cigarreira, oferecendo-lhe depois um cigarro e desviando discretamente a vista. Quando se serviu, Zaharoff pôde verificar que a nota tinha desaparecido. Mas o major permanecia irredutível. Zaharoff estava prestes a desanimar quando o seu interlocutor lhe disse num tom desafectado:

— Quere fazer o favor de me oferecer outro cigarro...

O negócio não estava, porém, concluído. Restava uma última resistência por parte do general X... Zaharoff conseguiu ser convidado para um chá em casa deste. A dona da casa estava só. O vendedor de armamento circundou um olhar distraído pelo aposento e a sua atenção pareceu fixar-se no lustre de vidro pendente do tecto. Por fim, exclamou:

— Que admirável obra de arte!

O objecto não tinha qualquer valor. A esposa do general assim lho disse, mas Zaharoff insistiu na sua admiração. Afirmou que era colecionador e sabia bem o que dizia. E propôs:

— Vai julgar-me talvez inconveniente, minha senhora. Mas desejaria muito possuir este lustre na minha colecção. Queria ceder-mo por 100.000 rublos.

— Vou consultar meu marido.

No dia seguinte, Zaharoff foi outra vez convidado para tomar chá e a dona da casa comunicou-lhe:

— Fazemos muita estimação neste lustre. Em todo o caso meu marido estaria disposto a cedê-lo por 150.000 rublos.

O lustre ficou em poder de Zaharoff e poucos dias depois o negócio do armamento estava concluído.



Outra fotografia do famoso «rei das armas»

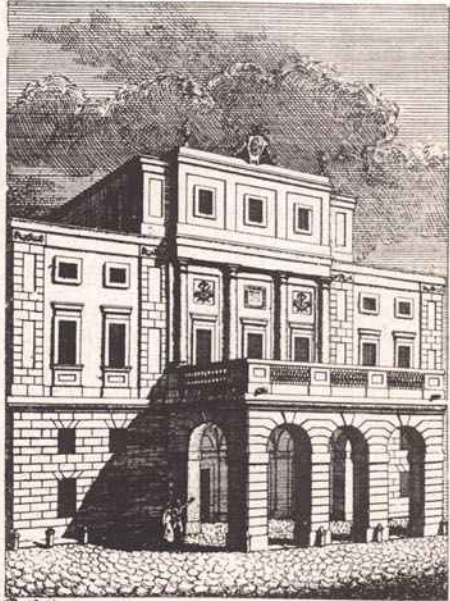
Há na vida do poderoso «rei das armas» um idílio. Em 1889, conheceu em Espanha a duquesa de Marchena e Villafranca, esposa dum Bourbon, primo de Afonso XIII. O marido estava louco e internado. ... possível que Zaharoff pensasse de comêço em se servir dela para obter encomendas do Governo espanhol. Mas em breve se apaixonou e foi correspondido. Esperou 34 anos a morte do louco, que ocorreu em 1923. No ano seguinte, a 22 de Setembro, o antigo garoto de Tavatla casava com a viuva dum Bourbon. A cerimónia realizou-se em grande segredo na administração de Arronville, a que pertencia o castelo de Balincourt, onde a duquesa vivia já há alguns anos. Era o coroamento da sua carreira e a recompensa da sua longa fidelidade.

Foi porém de curta duração esta felicidade tão persistentemente esperada. Em 26 de Fevereiro de 1926, a duquesa de Marchena e Villafranca morria.

Basil Zaharoff consome hoje a sua velhice solitária nas paragens encantadoras da Côte d'Azur. Abandonou quasi por completo os negócios e vive rodeado de todo o conforto que a sua imensa fortuna lhe pode proporcionar. Carregado com as mais altas condecorações: grã-cruz da Legião de Honra, Ordem do Banho, etc., tem distribuído milhões às obras filantrópicas e aos artistas.

O remorso da sua actividade nefasta atormenta-o algumas vezes? Compreenderá que o dinheiro que amontou é o preço de muitas vidas inocentes? Eis um mistério de consciência que nunca chegará provavelmente a ser revelado.





Teatro de S. Carlos

dades de um fado da Maria Alice ou duma marcha carnavalesca mais em voga. Mas que nos importa isso? E' conhecida a história do pôrco que à força de lidar com o seu dono, homem de boas maneiras e muito limpo, se converteu ao azeite, não aceitando a refeição sem lhe terem colocado no peitoral um guardanapo bordado. Portanto, das possibilidades intellectuais pouco haveria a reacar; quanto às monetárias, a bilheteira do Teatro seria o barômetro. E isto, no fim de contas, é o que poderia interessar.

Reaberto o S. Carlos com todo o seu esplendor, veriam como todos os seus frequentadores dariam provas eloquentíssimas da sua educação artística. E se muitos dê-

Foto. Filho e sculp.

les andassem como o pôrco, de guardanapo entalado a fingir de limpos, que mal haveria nisto? Dêse que se portassem com a necessária hipocrisia, tudo o mais revertiria a favor da bilheteira.

Abram S. Carlos, pelo amor de Deus, e não se preocupem com as pérolas atiradas a porcos, pois ainda há muita gente azeada, muita. Os outros são os menos.

Em 1816, a "Mnemósine Lusitana", referindo-se a esta magnífica casa de espectáculos que Pina Manique, para descargo da sua alma fez erguer em bene-



Luigia Todí

# ASPIRAÇÕES EGÍPTIMAS

## Quando é que abre o Teatro de S. Carlos?

### Um apêlo em pro da Arte Nacional

fício da alegria popular, registava que "os mais distintos e famosos artistas em música conhecidos na Europa e que tinham estado ao serviço d'este Teatro eram as senhoras Catalani, Bertinotti, Gaforini, Lessi, Eckart, e os senhores Crescentini, Mombelli, Tremesani, Naldi e outros que receberam as homenagens e os aplausos que os portugueses sabem conferir ao verdadeiro mérito.

Tantos italianos, dirão. É ainda a "Mnemósine Lusitana" que salienta:

"Para que não se julgue que neste nome e difficulosa Arte não tem havido ninguem da Nação Portuguesa que haja merecido entrar na lista das primeiras cantoras, o grito da verdade e a glória da Nação nesta parte nos obrigam a fazer especial menção da senhora D. Luiza Todí, hoje residente nesta capital. Esta célebre cantora mereceu distintos elogios em Itália, e França, e nas mais partes onde foi ouvido o seu canto, e muito particularmente na Russia, onde teve a honra de ter por discipulas as sereníssimas princezas daquêl império. A modéstia desta senhora, hoje de provecida idade, não consentirá que se lhe forme um maior elogio, porém não pode estorvar que se relate o que o buril publicou do seu distinto mérito na cidade de Veneza, em consequência dos talentos que patenteou na representação dos dramas "Dido e Cleólide", do grande poeta Pietro Metastasio. Nesta estampa, gravada em Veneza, no ano de 1791, não vê o retrato desta cantora com os trajos do teatro, representando a rainha Dido, com esta legenda em baixo:

#### LUIGIA TODI

A Lei, mentre rappresenta Didone

*Tu di Didone il core  
Si bene a noi dipingi,  
Che da stupir non è,  
Se quell' ardente amore,  
Che per Ensa tu fingi,  
Noi lo sentiam per te.*

A Lei, mentre giace ammalata  
*E come inferma ancor langue costei,  
Se dio del canto e medico tu sei?*

A Lei, mentre rappresenta Cleólide  
*Quando Prometeo colla man ardita  
Prendere il foco osò dal firmamento,  
Ei non diede ai mortali che la vita;  
Tu loro infondi, o Elisa, il sentimento.*

Era assim que a Itália, a pátria dos grandes cantores, sabia apreciar o merecimento e as qualidades de uma portuguesa insigne no canto e na arte da representação dramática.

Nesse tempo, a empresa do Teatro de S. Carlos tinha a seu cargo a Sociedade dos Actores do Teatro Nacional da Rua dos Condes, e ostentava como primeiros artistas: Neri e Vergé, primeiras damas sérias; Favini e Fensí, primeiras damas cómicas; Mary, primeiro tenor, e Martinnelli, primeiro buffo; em dança, Coralli e Gerard, primeiros bailarinos.

Bons tempos êsses! Porque não procuramos fazê-los voltar, ou pelo menos evocá-los o mais dignamente possível?

Alvitava ainda o illustre anónimo que, sendo aberto o Teatro de S. Carlos, não deveria pensar-se, de comêço, em ouvir celebridades pagas a pêso de ouro.

A não ser o Titta Ruffo! — pode alleguem retorquir dando largas às suas preferências artísticas. Ah! mas o Titta Ruffo

não virá a S. Carlos, descansem... Não virá por dois motivos de pêso: porque está velho para um palco tão amplo que o constiparia gravemente, e porque, a vir, não deixaria de ir para o Gimnásio que deve ter a primazia em face de contrato feito.

Outro alvitre do illustre anónimo:

"Empregar os cantores nacionais, de profissão ou amadores, que estamos ouvindo por via das estações emissoras."

Achamos óptimo. Mas, por êste andar, não tardaria que o lugar da divina Todi estivesse empolgado pela cantadeira de fados mais em voga, e que a desventurada Dido, em vez de se matar com o alfange do prófugo Dardânio, procurasse uma navalhada na rua do Capelão, com música do filme "A Severa" e coplas da opereta "A Mouraria".

E então seria encantador ver a gloriosa fundadora de Cartago, erguer-se em toda a sua desenvoltura canalha, e cantar para o ingénuo Enéas que lhe acabara de contar como escapara de Troia, levando o pai às costas, estas verdades elucidativas:

*\*Foi um beijo venenoso,  
Demorado, langoroso,  
Que perversa me tornou;  
Eu faço o que me fizeram,  
Pois ninguem foge ao seu fado:  
Foi a mentir que mo deram  
E' a mentir que eu o dou.\**

Ah! que se a Todi pudesse ouvir isto, havia de morder-se de inveja.

Segundo outro alvitre, do bem intencionado anónimo, deveria ser aumentado o público ouvinte, e de certo modo pagante, por meio das estações emissoras e das pessoas que possuem aparelhos de telefonia, devendo o Estado e a Câmara Municipal de Lisboa concorrer também, na medida do possível, visto tratar-se de uma medida de interesse público e nacional.

Em face de tão acertadas bases não existe já motivo para se conservar fechado o Teatro de S. Carlos.

Temos artistas de reconhecido mérito que os mais adiantados países estrangeiros aplaudem e consideram. A êles compete a missão de elaborar a melhor maneira de reabrir o Teatro de S. Carlos e fazer renascer na sua gloriosa plateia a justa boa fama de que por tantos anos gozou.

Se a Itália se orgulha do seu magnífico Scala, de Milão, nós temos maior direito de ostentar o nosso orgulho a bem de Portugal e dos autênticos artistas que temos.

Abram o Teatro de S. Carlos, e não tenham pena das pérolas que podem perder-se nas estremeiras suínas.

Se é ali o verdadeiro templo da Arte Lírica Nacional, é ali que devemos depôr as nossas ofertas.

A sala do Scala, de Milão



É conhecido o sentimento de repulsa que os mais inocentes répteis inspiram a grande número de pessoas. A crença popular vai mesmo ao ponto de atribuir a esses animais — no nosso país pela maior parte inofensivos — os piores malefícios.

Este sentimento, cujas manifestações são hoje as mais das vezes injustificadas, tem possivelmente origem ancestral.

Como se sabe, os répteis — que com os insectos formam as duas linhas mais estranhas da criação animal — predominaram na superfície do globo numa época muito recuada e os primeiros homens devem ter vivido sôb a sua terrível ameaça.

Foi durante a época secundária — que os geólogos calculam ter durado vinte milhões de anos — que os répteis exerceram o seu reinado sôbre a Terra. Reinado incontestado que se exercia sôbre todos os domínios: terrestre, aquático e aéreo. Espécies diversas tinham-se adaptado a viver nêstes três elementos, revestindo fórmas que a mais audaciosa imaginação não ousaria conceber.

Os esqueletos fósseis encontrados em diver-

sos pontos do globo e os pacientes trabalhos dos sábios, têm permitido reconstituir esta fauna espantosa que fez atribuir à época secundária a designação da «Idade dos Répteis».

Sabemos assim que esses répteis diferiam totalmente dos que hoje povoam a Terra. Alguns dêles mediam, da cabeça à ponta da cauda quarenta e cinco a cinqüenta metros de com-

primento, que se alimentava de pequenos pássaros. Pormenor curioso: este réptil não tinha dentes, ao passo que os pássaros que caçava os tinham, ao contrário do que sucede actualmente.

Outros répteis herbívoros estavam, porém, bem dotados de dentes. As máxilas duma certa espécie eram guardados com cerca de dois mil dentes!

Estes herbívoros eram quadrúpedes e possuíam uma cauda muito longa. O seu aspecto poderia evocar vagamente o das actuais girafas, por causa do pescoço muito comprido que lhes permitia colher o alimento nas mais altas árvores. Algumas espécies

não podiam suportar sôbre as patas o peso excessivo do corpo. Estavam condenados a uma vida aquática e habitavam as águas turvas dos oceanos recentemente formados.

Porque razão desapareceram êstes animais da superfície do Globo? Darwin apresenta-os como vencidos na luta pela existência. Em sua opinião, os mamíferos comendo os ovos dos répteis impediram a reprodução das espécies. Lamarck é de outro parecer — supõe que uma baixa considerável de temperatura, a que não puderam adaptar-se, provocou a sua extinção.

Há ainda uma terceira teoria. É a que atribue à Natureza um impulso confuso para objectivos ignorados. Os répteis teriam sido um erro da criação. A Natureza ter-se-ia enganado ao criar formas tão poderosas e extraordinárias, e destruiu a sua obra para a recomençar num sentido diferente.

Mas teriam, na verdade, êstes animais pré-históricos desaparecido completamente da superfície da Terra?

A questão tem servido de pretexto às divagações dos escritores, de que é exemplo admirável a obra de Edgar Poë, «Mundo Perdido», que a «Ilustração» publicou em tempos.

As recentes notícias sôbre o hipotético monstro de Loch Ness, deram nova actualidade ao assunto. Os répteis da época secundária foram recordados a propósito e discutida a possibilidade dum sobrevivente se encontrar no célebre lago.

Embora improvável, a hipótese de existirem ainda hoje descendentes dos gigantes animais da época secundária não é inteiramente absurda. Se alguns dêles procuraram refúgio e se adaptaram às profundidades abissais dos oceanos, muito tempo pode decorrer ainda antes que sejam conhecidos pela ciência. O comandante dum submarino alemão conta que ao torpedear um barco no Mediterrâneo, viu erguer-se das águas revolvidas pela explosão um animal de formas e dimensões fantásticas. Alucinação? Não é fácil sabê-lo ao certo. O facto é que, impressionado por essa estranha visão, o oficial germânico traçou um esboço em que reproduz o que viu.

No domínio das realidades, o que se pode afirmar é que ainda hoje existem proximos parentes dêstes estranhos animais. Tal é o caso dos dragões de Komodo, existentes no Zoo de Londres que reproduzimos nesta página e que apresentam flagrante semelhança com os dinossauros. Estes répteis, que só se encontram nas ilhas de Komodo, Rintja e Flores, a oriente de Java, chegam a atingir três metros comprimento e dão-nos por isso uma ideia pálida do que teriam sido os seus gigantes antepassados.

## HISTÓRIA NATURAL

# Os últimos sobreviventes DA IDADE DOS RÉPTEIS

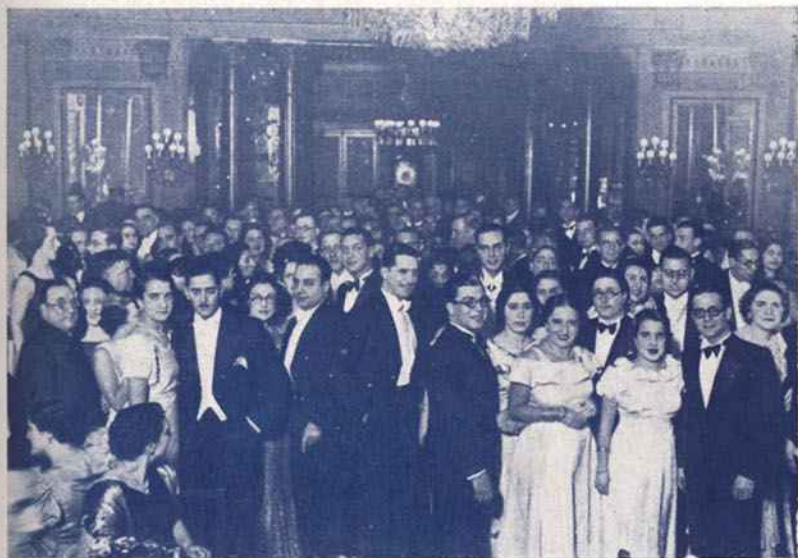
prido e tinham o respeitável peso de cerca de de quarenta toneladas. Com estas gigantêscas proporções, o seu aspecto era pouco atraente: crânios desproporcionadamente pequenos, espessas couraças, patas curtas e armadas de garras terríveis.

O seu aspecto fantástico variava com as suas condições de existência. Alguns tinham a fórma de gigantêscos passaros. Imagine-se uma espécie



# NOTAS GRÁFICAS

Grande Baile da Universidade



Nos salões do «Maxim's» realizou-se no dia 8 deste mês uma festa intitulada «Grande Baile da Universidade», organizada pelo Orifão Académico de Lisboa e a que o sr. dr. Caeiro da Mata, na qualidade de reitor da Universidade presidiu. A assistência era composta pelas primeiras figuras da sociedade de Lisboa. Abridhantaram a festa números de «music-hall» realizados por estudantes. Vasco Ayala interpretou, com muito brilho, a sentimental «Balada» do sr. dr. Vitorino de Almeida, presidente do O. A. L. Os dois irmãos Júlio e Nuno da Cunha Gonçalves interpretaram, o primeiro, canções várias, o segundo, solos de guitarra «hawaiana». Mlle. Castro Ferreira, cantou, maravilhosamente, alguns «foxs» americanos. Nos intervalos de música das duas magníficas orquestras, o grupo de «foxs» «Reveller's», composto só por alunos universitários, executou, com grande êxito, alguns números.

## Propaganda turística

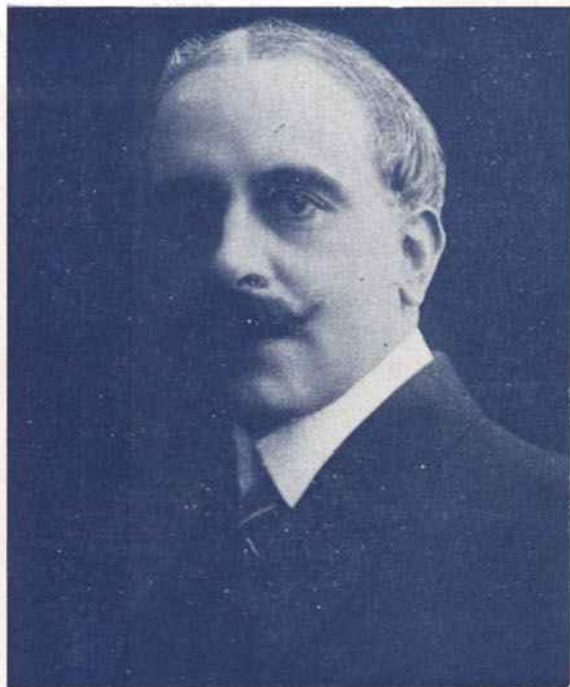


CONVIDADOS pela «Casa de Portugal» em Paris, vieram ao nosso país os chefes de serviço das agências internacionais de viagens, que visitaram os nossos principais centros de turismo. A nossa gravura mostra um aspecto do banquete que pela Sociedade Propaganda da Costa do Sol lhes foi oferecido no salão de festas do Casino Estoril. Muito há a esperar desta inteligente iniciativa para o desenvolvimento do turismo nacional.

## Aniversário da República Espanhola



A Espanha comemorou no dia 11 deste mês o aniversário da proclamação do seu regimen republicano. A colônia espanhola de Lisboa associou-se a essa manifestação e o sr. embaixador de Espanha deu recepção aos membros da referida colônia. A nossa gravura mostra o ilustre diplomata com alguns dos seus compatriotas que concorreram à recepção.



Dr. Júlio Dantas

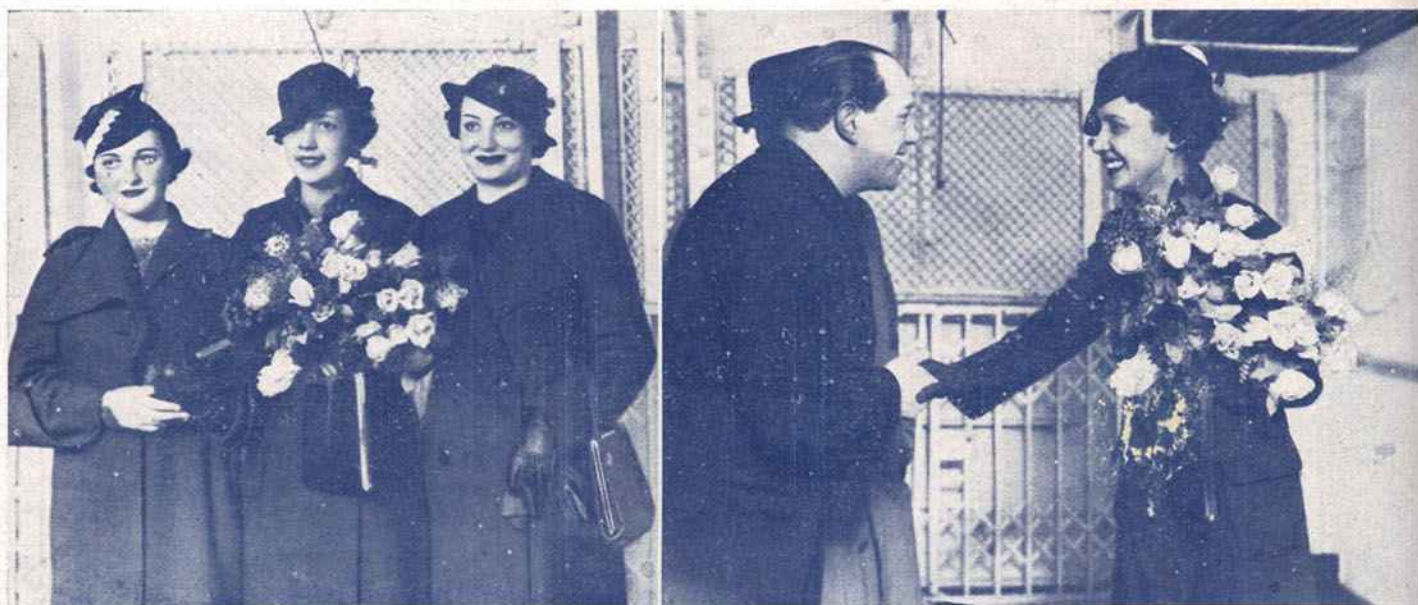
A Academia Espanhola acaba de eleger por unanimidade para seu membro o eminente homem de letras sr. dr. Júlio Dantas. Para esta decisão — que honrando-o, honra também Portugal, — contribuiu não só o muito apreço em que a obra do presidente da nossa Academia é tida no país vizinho, mas a sua recente viagem a Madrid, que permitiu aos meios intelectuais espanhóis conhecer de perto a sua personalidade, cheia de aprumo e simpatia.

## D. Manuel II, por João Reis

PARA a Sala dos Duques do Paço de Vila Viçosa, acaba o ilustre pintor João Reis de dar os últimos retoques no admirável retrato de D. Manuel II, que a gravura abaixo reproduz. A circunstância do modelo já não ser vivo constituiu uma dificuldade, de que o artista se soube sair, mercê das suas grandes faculdades. O seu trabalho é perfeito e inteiramente digno de figurar a par dos que decoram a célebre sala a que se destina.



# Chegada a Lisboa da intérprete brasileira do filme "Bocage"



A bordo do paquete «Monte Pascoal» chegou no dia 6 a Lisboa, a sr.<sup>a</sup> D. Celita Bastos, escolhida por concurso organizado pelo «Diário Português», para interpretar o papel de brasileira do filme histórico «Bocage» que Leitão de Barros vai realizar. Ao cais de desembarque acorreu grande número de pessoas que dispensaram à gentil artista uma carinhosa manifestação de simpatia. Viam-se ali, entre muitos outros, os artistas que tomarão parte no desempenho do filme: a insinuante Maria Velez, primeira classificada do concurso feito em Portugal; Maria Castelar, a gentilíssima «Francisquinha» de «As Pupilas»; Estevão Amarante, que desempenhará a figura do imortal vate; Lino Ferreira, o inesquecível «João Semana» do filme inspirado na obra de Júlio Deniz; Raul de Carvalho, e os operadores Joseph Barth e Salazar Deniz. As gravuras mostram: ao alto, à esquerda, D. Celita entre Maria Castelar e Maria Velez. Ao alto, Estevão Amarante cumprimentando a sua nova colega e em baixo, a jovem brasileira rodeada por algumas das pessoas que a foram esperar ao desembarque.

## DUAS CONFERÊNCIAS NOTÁVEIS



INAUGURANDO os trabalhos da Associação Portuguesa de Urologia, o sr. dr. Francisco Gentil realizou uma conferência em que estudou pormenorizadamente um importante problema cirúrgico, expondo teorias modernas e observações realizadas no Instituto Português de Oncologia sob a sua direcção.

SOB a presidência do Chefe do Estado, a sr. D. Amália Proença Norte realizou na Sociedade de Geografia uma conferência sobre o tema «Os grandes valores de Portugal». A gravura mostra a conferente com o Chefe do Estado, ministros das Colónias e Instrução e conde de Penha Garcia.

## Delegação portuguesa aos funerais de Jorge V



PORTUGAL fez-se representar nos funerais do rei Jorge V de Inglaterra por uma embaixada composta pelos senhores ministros dos Negócios Estrangeiros, Guerra e Marinha, general Vieira da Rocha e almirante Oliveira Muzanti. Tanto em Londres como à sua passagem em Paris, de regresso a Lisboa, o sr. ministro dos Negócios Estrangeiros, dr. Armindo Monteiro, efectuou importantes entrevistas com os srs. Eden e Flandin, seus colegas respectivamente do Governo britânico e francês. A gravura mostra um aspecto da chegada da embaixada à estação do Rossio

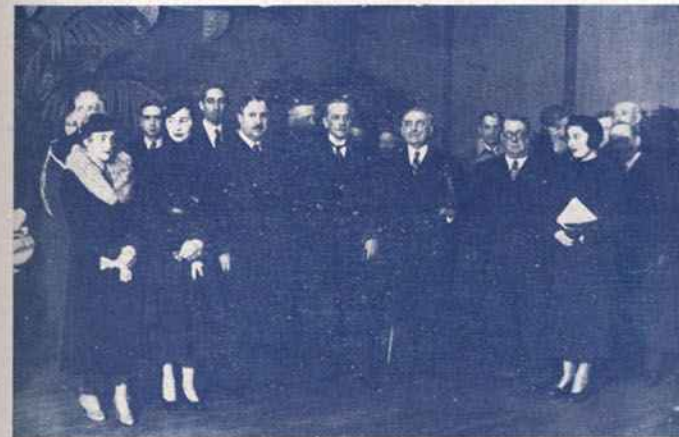
# FIGURAS E FACTOS

Dr. Antero de Figueiredo



A secção de letras da Academia das Ciências reuniu em 13 do corrente, sob a presidência do sr. dr. Júlio Dantas, secretariado pelos srs. Joaquim Leitão e Mosés Amzalac, para atribuição do «Prémio Ricardo Malheiros» relativo a 1935. Foi resolvido conferir essa distinção ao livro «Miradouro» do ilustre escritor sr. dr. Antero de Figueiredo. Esta consagração, que corresponde a um acto de inteira justiça, significa também o reconhecimento da nobre acção do escritor que com tanto esmero e elevação tem cultivado a lingua portuguesa.

## Exposição de pintura



O pintor espanhol D. Fernando de Sotomayor e suas filhas D. Pilar e D. Maria del Carmen realizaram na Sociedade Nacional de Belas Artes uma exposição dos seus quadros. Em cima: aspecto da inauguração, vendo-se o Chefe do Estado, o sr. ministro da instrução e o sr. embaixador da Espanha, com as filhas do expositor D. Pilar e D. Maria del Carmen.

## Estudantes de Farmácia



Os estudantes da Escola Superior de Farmácia da Universidade de Lisboa organizaram uma animada matinée-dançante, que se realizou no dia 2 deste mês. A festa, que teve grande animação foi presidida pelo sr. dr. Lupi Nogueira, director da Faculdade de Farmácia. Foi anunciada para breve a representação duma revista intitulada «As pirulas do sr. Doutor»

## Cruzeiro Aéreo às Colónias

A esquadilha militar que toma parte no Cruzeiro às Colónias chegou no dia 29 do mês passado a Lourenço Marques, onde lhe foi tributada pela população da importante cidade, uma recepção apoteótica. Ficou assim completada, com notável regularidade, a ligação aérea entre a Metrópole e Moçambique. Ao contrário do que se afirmou, a ideia do regresso da esquadilha a Lisboa por via aérea não foi abandonada, devendo, no entanto, realizar-se com menor número de aparelhos, pois os que necessitem de reparações serão embarcados em Lourenço Marques com destino a Lisboa. A gravura reproduzida aqui ao lado, mostra os aviadores à passagem em Leopoldville, no Congo Belga. Ao centro vê-se o sr. coronel Cifka Duarte entre o governador sr. Richmans e sua esposa.

Em todos os outros pontos da escala, os aviadores portugueses tem tido afectuosas recepções que, como é natural, atingem no território português a sua maior animação. Este facto realça o interesse espiritual da viagem que aproxima os portugueses espalhados no continente africano.



FIEL á sua promessa, o detective que se ocupou na descoberta do roubo do hotel da Serra da Estrela, vem hoje explicar aos leitores da «Ilustração» como orientou as suas diligências até o apuramento final e definitivo.

Apenas chegou ao hotel, passou uma busca minuciosa a todos os quartos, verificando que tudo condizia com o relato feito pelos agentes roubados.

Pouco depois, chegou a esta conclusão:

*O ladrão deve ter sido o hóspede belga.*

— Essa agora! E qual o indício comprometedor?

— É fácil de encontrar. Logo que o agente teve a imprudencia de revelar a importante quantia que levava na pasta, não foi o belga que alvitrou o jogo das cartas, e, ante a afirmativa dos circunstantes, se apressou a subir ao seu quarto, afim de trazer um baralho que dizia ter guardado na mala?

— Foi o belga, sim, senhor.

— Não se demorou uns dez minutos, pelo menos?

— Isso mesmo.

— Pois bem: o belga subiu ao seu quarto com o pretexto de procurar as cartas de jogar, e, logo que chegou ali, deitou pela janela uma ponta de fio dobrado com o comprimento preciso para chegar á porta da rua. Como sabem, o quarto do belga ficava nessa direcção. Desceu despreocupadamente, e começou o jogo, quando alguém se lembrou de aludir ao temporal. Foi ainda o belga que se levantou a fim de certificar-se do tempo que fazia, se ainda nevava, e assim poder fazer uma previsão segura sobre a manhã que os esperava. Abriu a porta, e saiu uns momentos até á estrada, aproveitando o ensejo de passar o fio dobrado pela aldraba da porta. Quando todos dormiam já, abriu a porta do quarto, e foi desenrolando o fio até o fundo das escadas que, como sabem, se encontravam ás escuras. Nessa altura, puxando e alargando o fio, fez bater a aldraba, o que levou o agente a ir ver quem batia. Aproveitando a ocasião em que o policia espreitava pelo postigo, o belga desceu os poucos degraus que lhe faltavam e correu a occultar-se na despensa. Ali aguardou o momento asado para agir. Quando o agente de guarda, sentado ao fogão, fazia por cumprir fielmente a sua missão, o belga, saindo do seu esconderijo, aproximou-se d'ele sem ser pres-

sentido, e descarregou-lhe a pancada de *casse-lête* que o fez perder o acôrdo. Tudo isto foi praticado sem ruido, visto que o outro agente, recolhido no cubículo contíguo, nem sequer o acordou.

Praticado o roubo, o ladrão voltou para o seu

não obstante saber muito bem onde as tinha, não eram indícios de grande abonação para este hóspede.

Apertei a minha investigação, e, de dedução em dedução, reconstitui o roubo. Se os agentes tinham passado uma busca minuciosa ao local que lhes servia de reduto, verificando não haver ninguém escondido nem sob o leito do cubículo contíguo, nem debaixo de qualquer dos poucos móveis que ornavam a sala, nem na despensa, era de calcular que o ladrão descera pela escada, visto não poder vir da rua. Como

se introduzira ali? Só no momento, em que o agente espreitava pelo postigo, a dar fé de quem batera á porta, do contrário daria pela sua entrada.

Tinha, portanto, de escolher entre os hóspedes, o hotelheiro e o próprio *chauffeur*. Sim, porque nestes casos temos de desconfiar de toda a gente.

Feitas as minhas deducções, a figura do belga era a que se me apresentava mais suspeita. Todos os meus cálculos acertavam invariavelmente na sua pessoa. Reconstitui mentalmente a cena quatro ou cinco vezes, e sempre o belga tinha mais probabilidades de êxito.

Uma ou duas coincidências ainda se admitiriam, mas tantas, tantas... Ponderei maduramente.

Não havia já que duvidar e apertei-o no mais rigoroso interrogatório. Não me enganei, pois, como sabem, o belga acabou por confessar, confirmando todas as minhas hipóteses.

Foi este o relatório que o hábil detective nos enviou, rematando-o com esta nota:

O que fiz qualquer leitor da «Ilustração» o poderia ter feito, pois eu não sabia mais do que eles.

Rubio Vaz.

## O AUDACIOSO ROUBO DA SERRA DA ESTRELA

### Desvenda-se finalmente quem foi o engenhoso ladrão

quarto, e, largando uma das pontas do fio, recolheu-o novamente sem deixar vestígios.

— Mas como conseguí chegar a esta conclusão?

— Muito facilmente. Logo que cheguei, pude verificar que nenhum dos hóspedes saiu á rua após a chegada dos agentes, a não ser o belga que pretextara ir ver o tempo que fazia. Estão até lembrados de que voltou em seguida para dizer que «já nevava menos e que o vento tinha mudado, tudo levando a crer um próximo bom dia». Isto fez-me impressão. Ninguém tinha batido á porta, pois, como devem estar lembrados, o agente, ao espreitar pelo postigo, verificou que já não nevava e que o céu estava limpo. Portanto, quem tivesse passado na estrada, deixaria as pegadas na neve.

Foi este o ponto em que me apoié para chegar á minha conclusão. Que a aldraba da porta bateu, disso não restava a sombra de uma dúvida. Quem se teria aproximado da porta? Pensei que a aldraba podia funcionar por meio de um fio. Verifiquei então que a janela que ficava sobre a porta era a do quarto do belga. Diabo! A prontidão com que foi buscar as cartas de jogar e o tempo que se demorou a procurá-las,



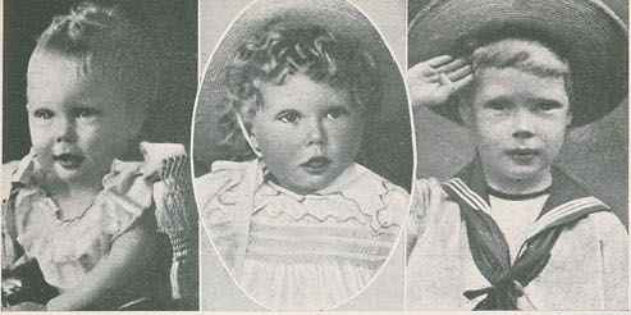
Um curioso aspecto da Serra da Estrela

## UMA RETROSPECTIVA

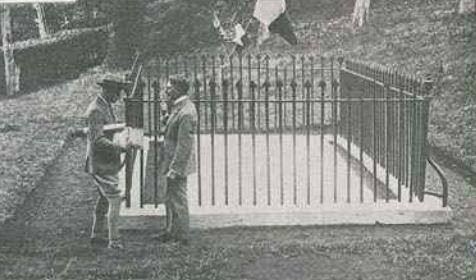
O novo rei de Inglaterra em Lisboa,  
quando ainda era príncipe de Gales

O novo rei de Inglaterra, Eduardo VIII conhece e aprecia o nosso país. Aqui esteve pela primeira vez em Abril de 1931, quando ainda era simplesmente o príncipe de Gales. Dirigia-se então para a América do Sul a bordo do «Arlanza» e acompanhava-se de seu irmão Jorge. Em Fevereiro de 1931 esteve no Pórtio, viajando incógnito. As gravuras que ilustram esta página mostram diferentes aspectos da sua primeira visita. *Ao alto*: os príncipes com o Chefe do Estado; *à esquerda*: o herdeiro do trono britânico no Estoril; *em cima*: com o então ministro dos Negócios Estrangeiros Fernando Branco; e *em baixo*: os dois filhos de Jorge V fazendo continência à força que prestou honras à sua chegada.





Três fases da infância do novo rei da Inglaterra. Da esquerda para a direita, o futuro soberano com um, dois e seis anos, fotos tiradas respectivamente em 1895, 1896 e 1901. *A' direita:* No decurso das suas viagens, o príncipe de Gales visita Santa Helena. Vêmo-lo aqui junto da sepultura onde esteve o corpo de Napoleão I antes da sua transladação para os Inválidos, em Paris.



*No Egito.* — O príncipe a caminho do túmulo de Tut-Ank-Amon, servindo-se do meio de locomoção tradicional no país.



*Passagem do Equador.* — Quando cruzou pela primeira vez o Equador, o futuro rei submeteu-se de boa vontade ao baptismo ministrado pelo rei Neptuno.



*Em África.* — Em Freetown, Serra Leoa, o príncipe segue atentamente o bailado da bela dama indígena.



*No Império das Índias.* — Recebido faustosamente pelos rajás, o príncipe de Gales caçou o tigre real e viveu algum tempo num cenário das mil e uma noites.

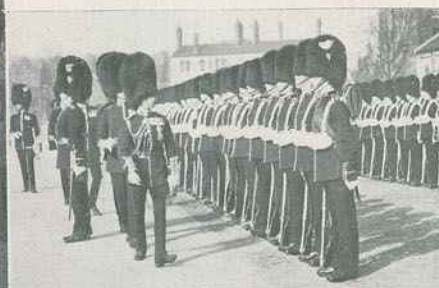
PREPARAÇÃO À CIÊNCIA DE GOVERNAR POVOS

# A juventude do rei Eduardo VIII

O príncipe de Gales nos quatro cantos do Mundo



*Em cima:* O príncipe de Gales, com o uniforme de escauteiro, acompanhado por Lord Baden Powell. *A' direita:* O príncipe no Japão, vendo-se ao fundo o pitoresco monte Fujiyama. *Em baixo:* Passando revista às tropas da África Oriental e ao regimento de Welsh Guards, em Inglaterra.







A Cruz de Portugal em Silves

representante de uma cultura esmagada sob as ondas bárbaras da invasão almorávide, subiu ao trono de Sevilha no mês de Fevereiro de 1069.

Relacionando-se com o trovador de Silves, o rei Motamid, deu largas ao seu carácter ingénio de adolescente fogoso e confiante. Por sua vez, Aben-Ammar, que aprendera a conhecer os homens através da sua vida errante, foi menos confiado, desconfiando sempre das expansões de Motamid.

No entanto, a boa amizade entre ambos foi decorrendo durante anos na formosa cidade algarvia e com tal intensidade que o rei Motamid dedicou um poema ao seu inseparável amigo, a enaltecer os encantos de Silves.

Pelos modos, a formosa cidade algarvia já nesses tempos remotos ostentava a atraente beleza que ainda hoje conserva.

Esse poema começava assim:

*«Em Silves vem saudar os ditos lugares  
De inefável pureza e beleza, sem fim...  
Se tão bem os conhece, ó meu Aben-Ammar  
Éles hão de mostrar que se lembram de mim.»*

Depois, o rei poeta falava-lhe "no palácio de *Sharajih* em cujas salas passou horas e horas, rodeado de jovens for-



Cadeiras para o jardim de Motamid.

No velho romanceiro de Silves existe uma linda canção evocadora dum passado distante que tem quasi novecentos anos e começa assim:

*Aben-Ammar, Aben-Ammar,  
moro de la moreria,  
el día que tu naciste  
malas estrellas habia...*

Quem foi este Aben-Ammar? Um literato vagabundo que levava a vida fazendo trovas através das vilas e das aldeias que o tinham na conta de um pobre louco.

Farto de sofrer humilhações de toda a espécie, foi apresentado a Motamid, rei de Sevilha. Este soberano, que passara a sua juventude em Silves, mais de uma vez tinha reparado no talento poético de Aben-Ammar, visto que também cultivava as musas com rara habilidade. Pode mesmo dizer-se que, sendo um poeta de profunda sensibilidade, soube dar forma poética a todos os grandes acontecimentos da sua vida, a todas as alegrias e tristezas que o sol ou as nubes de cada dia trazem ou levam consigo. Como último

## UMA LENDA ALGARVIA

# O POETA DE SILVES ONTEM, COMO HOJE HOUE INGRATOS

mosas, de cintura delgada, que lhe feriam o coração com seus fundos olhares como se os seus olhos fôsem lanças ou cimitarras..

Recordava as noites deliciosas que passou ao longo da margem do rio com uma bela encantadora, cujo bracelete se parecia com a lua no seu quarto crescente, e que o embriagava com o seu vinho e com as suas canções. Quando ela tocava no seu alaúde uma canção guerreira, julgava ouvir o chocar de espadas, no mais acêso do combate, e sentia-se arrebatado por um ardor bélico capaz de conquistar impérios..

"Linda terra de Silves!.. — rematava o poeta moiro.

Aben-Ammar, graças á amizade do príncipe, obteve o governo de Silves, onde se rodeou de tão grandes pompas que nem o próprio rei quizera para si.

Mas não se conservou muito tempo em Portugal, porque Motamid, não podendo passar sem a sua companhia, o mandou seguir para Sevilha. Elevou-o á categoria de grão-visir.

Deslumbrado pelo seu poderio, Aben-Ammar chegou a julgar-se superior ao próprio rei. Numa excursão que fez a Múrcia afectou ares de soberano, rabisando o seguinte despacho nas petições

que lhe apresentavam: "Que assim seja, se Deus quere.. Nem uma referência ao soberano.

De abuso em abuso, Aben-Ammar teve a ousadia de satirizar num furioso poema o rei de Valência, amigo de Motamid.



Vista geral de Silves

Sendo repreendido, o orgulhoso grão-visir não se conteve e compoz contra o próprio rei Motamid e contra toda a família real a sátira mais sangrenta e soez da sua vida.

Motamid amava acima de tudo a sua querida Romaíquia que, sendo uma das suas muitas mulheres, tinha honras de rainha.

Pois o ingrato Aben-Ammar, na intenção de ferir o seu amigo e benfeitor no âmago do seu coração, abria a sua sátira assim:

"Escolheste entre as filhas do povo essa escrava que Romaic, seu dono, teria trocado de bôa vontade por um camêlo de um ano. Os seus filhos são libertinos, gorduchos e parvos que a envergonham. Ah! Motamid! eu espesinharei a tua honra e rasgarei os veus que cobrem as tuas infâmias. Sim, émulo dos antigos heróis, tu defendes as tuas vilas, mas sabias que as tuas mulheres te enganavam e consentiste as suas traições..

Em face de tais impropérios que poderia esperar um tal miserável?

Motamid sofreu com a ingratidão do poeta de Silves que tirára do nada e ao qual consagrara uma amizade de irmão.

Após várias escaramuças, o ingrato veio a cair nas mãos do soberano que, ainda assim, não ordenou a execução da bárbara sentença que toda a côrte reclamava.

Teve tempo de meditar na sua infâmia. Conduzido, um dia, á presença do rei, suplicou perdão para as suas faltas.



A Abside da Sé de Silves

quem fôsse, acabando por se averiguar que não falara, mas escrevera.

Quando o rei foi informado de mais este abuso do seu antigo amigo que tão ingratamente se comportára, dirigiu-se á prisão e matou-o por suas mãos.

No pátio do palácio o pai de Motamid mandára fazer um jardim pavoroso. Tinha feito plantar nos crâneos dos seus mais feroces inimigos as mais exquísitas flôres, e esses vasos sinistros engalanavam toda uma longa avenida de laranjeiras e limoeiros.

Um letreiro em cada um dêles indicava o nome daquelle que havia sido o seu dono e possuidor até á execução da sentença real.

A cabeça de Aben-Ammar foi no próprio dia da execução pendurada numa árvore como nova flôr de tão fúnebre jardim. O cativo cristão, que tão bem tinha conhecido a vida desregrada do antigo vagabundo de Silves, ao dar cumprimento ás ordens terríveis do Motamid, improvisou este romance:

*Aben-Ammar, Aben-Ammar,  
moro de la moreria,  
el día que tu naciste  
malas estrellas habia...*

Pena foi que se tivesse perdido tão desgraçadamente este espírito que muito teria honrado as letras algarvias se não se tivesse gegoado pela glória vã de mandar.

Quantas vezes, entre as agruras do seu cárcere de Sevilha se recordou dos seus belos tempos através dos deliciosos campos de Silves, cantando inspirados romances que as raparigas da aldeia aplaudiam com os seus sorrisos e os velhos lavradores gratificavam com generosidade encantadora.

Valera-lhe bem a pena ser grão-visir! Valera-lhe, pelo menos, para ser imolado como uma rez no silêncio atroz da sua prisão!

— Não, Aben-Ammar — respondeu Motamid — o que tu fizeste não se perdôa!

Removido novamente para o cárcere, chegou a persuadir-se de que obteria perdão, e escreveu a todos os seus amigos a participar que em breve voltaria a ocupar o seu alto cargo de grão-visir.

O boato circulou com uma celeridade espantosa, não tardando a chegar aos ouvidos do rei que desejou logo saber quem teria sido o urdidor duma tal parranha que causava a maior indignação em toda a côrte.

Em boa verdade, Motamid nada tinha prometido ao cativo, mas intrigava-o o facto do boato da reabilitação de Aben-Ammar ter sido acrescentado com a revelação de uma conversa que tivera na véspera com o prêsso, quando o fôra visitar.

Quem poderia ter feito uso das suas palavras, a não ser Aben-Ammar. Mas como se encontrava prêsso e sem comunicação com o mundo exterior?

— Vai perguntar a Aben-Ammar — ordenou o rei a um eunuco — como pôde divulgar a conversa que teve comigo.

O prêsso negou ter falado fôsse com

# ASTROS QUE SE APAGAM

O cinema tem vestido ultimamente alguns lutos. Além do Monna Lys, a cuja dramática morte nos referimos noutro local, faleceram John Gilbert e Thelma Todd. São astros que se apagam e de que fica apenas um rastro de saudade no espírito dum ou outro espectador mais sensível à sua sedução. Entretanto, outras «estrelas» sobem no firmamento, ocupando os lugares vagos, numa renovação que é lei geral da vida e princípio inexorável numa arte dinâmica como é o cinema.

John Gilbert ocupa aqui um lugar muito especial. É um desses actores cujo nome evoca uma época completa do cinema. A sua actividade artística nem sempre foi de molde a satisfazer os exigentes. Mas possuía uma forte personalidade, um certo poder de sugestão e era, apesar dos seus defeitos, um verdadeiro actor. A sua carreira foi, nos últimos anos, dominada pela preocupação constante de reconquistar o auge da celebridade que chegou a alcançar e depois perdera.

Diz-se que o aparecimento dos filmes falados foi a causa da sua decadência. John Gilbert possuía, segundo testemunham, uma voz desagradável que as insuficiências técnicas dos primeiros filmes não permitiam corrigir. Mas a verdadeira origem da queda do idolo não está nesse facto, que de resto pôde mais tarde ser superado. O seu tempo passara. O público não tinha já do galã a mesma concepção romântica que fez a glória de John Gilbert. Estava «demodé» mas morreu lutando obstinadamente contra essa

realidade, a que o seu temperamento de actor não podia resignar-se.

O nome de John Gilbert fica ligado pela tradição ao de Greta Garbo. Ambos formaram durante alguns anos um par que foi dos mais célebres no cinema do seu tempo. Juntos interpretaram uma série de filmes que serviram, sobretudo, para a consagração da Greta Garbo. John Gilbert, já popularizado quando a artista succebeu chegou a Hollywood, interessou-se por ela, amparou os seus primeiros passos no meio pérfido dos estúdios que ele pisava já com segurança.

Desta longa convivência resultou para John Gilbert uma paixão devastadora? Eis o que muitos afirmam, mas será difícil saber ao certo. Sob os foros duma publicidade intensa as figuras da tela, aparecem-nos desfiguradas e raras vezes nos revelam o seu aspecto humano.

O certo é que a Imprensa da especialidade criou em torno dos dois artistas a lenda duma

paixão ardente por parte d'ele que ela repelia com indiferença. E a história emocionou o público norte-americano, que dentro do seu positivismo amoroso mantém uma admiração ingénua por tudo o que é romântico.

Um dia o par cinematográfico Gilbert-Garbo separou-se sob as imperativas exigências dos produtores. Tempo depois John Gilbert casou e este acontecimento imprevisto foi interpretado como recurso desesperado duma paixão sem remédio. Mais tarde o actor agora falecido divorciou-se e a mesma explicação se buscou para o facto.

Que há de verdade nesta lenda de amor que durante muito tempo alimentou a insaciável curiosidade do público americano? Não o sabemos nós dizer. Talvez mesmo só Greta Garbo nos pudesse revelar o segredo. Mas as esfinges não falam...

Realizou-se no dia 11 deste mês a «première» mundial do último filme de Charlot, que se intitula «Modern Times». Con-



John Gilbert

sidera se esta produção como o mais ambicioso esforço até hoje tentado pelo genial cómico. Na sua realização gastaram-se dois anos de trabalho e mais de 400.000 libras.

«Modern Times» vai revelar-nos uma nova ingénua, Paulette Goddard. A sua carreira começou aos 15 anos como corista no «Rio Rita» do empresário Ziegfeld. Casou tempo depois e retirou-se do teatro mas em 1932 requereu o divórcio e dirigiu-se para Hollywood. Entrou para o grupo das Goldwyn Girls, que temos visto nos filmes de Eddie Cantor e interpretou depois pequenos papéis nos filmes de Hal Roach.

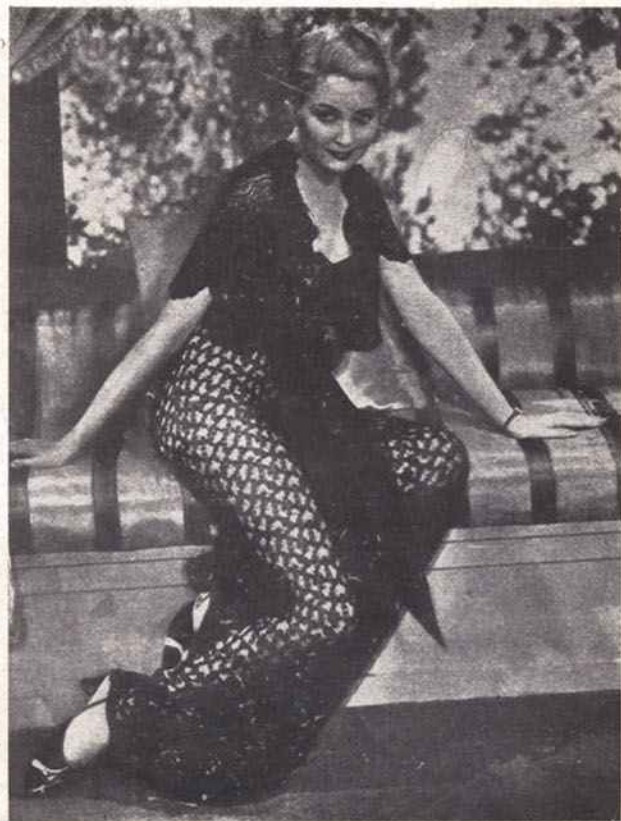
Charlot escolheu-a para o principal papel do seu filme. Há quem afirme mesmo que fez dela sua mulher o que não pôde ser ainda confirmado. O que se sabe é que tão satisfeito ficou com o seu trabalho que pensa apresentá-la brevemente em filmes falados, que ele próprio realizará sobre argumentos da sua autoria, mas em que não figurará como intérprete.

E da arte de Charlot como realizador sabem quantos se recordam ainda da «Opinião pública».

Há quem pretenda que os desenhos animados têm exercido influência sobre os intérpretes da tela. É um caso obscuro sobre o qual é difícil formar opinião. Em todo o caso essa influência é bem evidente na realização das cenas finais de «O rapaz milionário».

A apoteose colorida deste filme têm na realidade toda a fantasia e absurdo das obras de Walt Disney. É o paralelo é tão flagrante que se impõe ao espectador desde a primeira imagem.

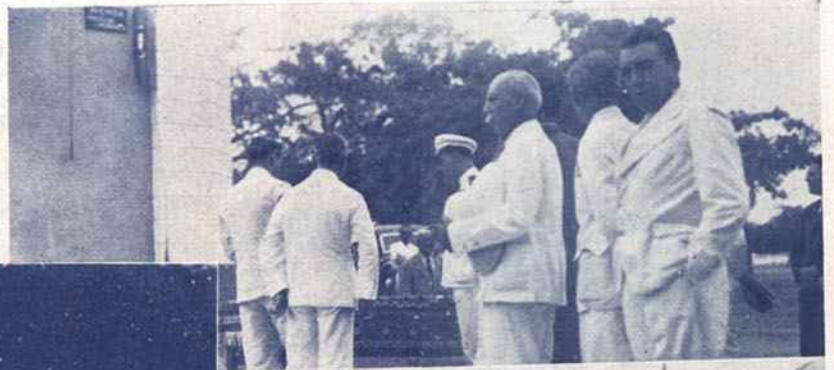
Resta saber se depois de ter exercido a sua influência sobre os intérpretes humanos da tela, os desenhos animados não acabarão por influir na própria vida. Seria uma bela evasão da materialidade criar entre os homens esse mesmo ambiente de humorismo e delirante fantasia.



Thelma Todd

## O "Dia da Metrópole" em Benguela

A Câmara Municipal de Benguela realizou em Dezembro último, com grande brilho, a comemoração do «Dia da Metrópole», louvável criação da Sociedade de Geografia de



Lisboa destinada a estreitar os laços que devem unir os portugueses das províncias ultramarinas à mãe-pátria. Um dos números do programa consistiu em dar a uma das mais modernas e importantes artérias da cidade o nome de Avenida Sociedade de Geografia. As gravuras mostram aspectos dessa cerimónia. Em cima,

o descerramento da lápida. Em baixo, a assinatura do auto e um aspecto da nova Avenida.

(Fotos cedidas pela Sociedade de Geografia)

## As grandes inundações em Chaves



As últimas chuvas causaram em todo o país grandes inundações. Em Chaves a cheia do Tâmega revestiu aspectos excepcionais. À esquerda vê-se um aspecto do campo da feira e local das afamadas águas termais. À direita, a torre romana e a parte da cidade conhecida por Madalena. Fotos do sr. Raimundo de Bettencourt Rodrigues comunicadas pela Sociedade de Geografia.

### Choque de navios na barra do Douro

CERCA das 15.30 horas do dia 5 do corrente, dois barcos de nacionalidade inglesa, o «Estrellano» e o «Scanew», que se dirigiam para Lisboa, abalroaram à saída da barra do «Douro», em consequência do intenso nevoeiro. Em consequência do choque os dois navios ficaram encalhados, conforme se vê na fotografia, a meio do rio, em frente da Fábrica do Gás, no lugar do Ouro. Nenhum dos barcos sofreu avarias.



O espanhol Martínez de Alfara, vencedor do combate com António Rodrigues e sua esposa em ataque do novo campeão

dor "junior" do club "Vencedores de Jornais", pouco assíduo nas

competições oficiais. O tempo por ele gasto para cobrir os quinze quilómetros do traçado, que nada tinha de fácil, corresponde a uma média horária de 17,450 metros, valor bastante apreciável.

E' cedo ainda para entusiasmos sobre a classe de Jaime Mendes; nestas três léguas foi incontestavelmente o melhor, conduziu com muita habilidade a sua prova e terminou sem fadiga aparente, provando ter ainda reservas de energia para prosseguir.

Esperemos, porém, pelo dia 1 de Março para concluir com mais segurança; se o comportamento do novo "ás" corresponder em 25 quilómetros à sua proeza passada será de toda a conveniência proporcionar-lhe para a



der em 25 quilómetros à sua proeza passada será de toda a conveniência proporcionar-lhe para a

A direita: — O francês Allais, 4.º classificado na prova em esqui, num momento difícil do percurso. Em baixo: — A pista de Garmisch-Partenkirchen, onde se realizam os jogos de hóquey e as provas de patinagem dos jogos da IV Olimpíada do Inverno

A quebrar a monótona actividade da vida desportiva nacional tivemos, durante, a quinzena a primeira prova da Pequena Maratona organizada através a cidade pelo jornal "Os Sports".

Criada com fins de preparação olímpica, no louvável intuito de pesquisar as possibilidades dos nossos corredores de fundo, a corrida transformou-se, afinal numa excelente manifestação de propaganda do atletismo.

O número de concorrentes inscritos, quasi meio cento, excedeu largamente as mais optimistas previsões e veio dar à prova uma animação que o interesse do público secundou condignamente ao longo de todo o percurso.

Destruindo os prognósticos gerais, o vencedor foi um novo que não conhecera ainda a glória, Jaime Mendes, um corre-

terceira prova uma preparação que permita determinar o máximo das suas possibilidades.

Depois de Jaime Mendes, classificaram-se nos lugares de honra, António Fonseca, Adelino Tavares, Manuel Dias e Tiago Ribeiro.

# A QUINZENA DESPORTIVA

O comportamento destes homens permite-nos ajuizar qual sejam as respectivas probabilidades nas corridas futuras, de maior distancia. Adelino e Tiago devem melhorar de posição, Fonseca e, sobretudo, Manuel Dias não nos merecem tanta confiança. O popular chefe de fila dos benfiquistas, terminou com séria dificuldade; conduzindo a prova até aos dez quilómetros, cedeu daí em diante e não julgamos que se tratasse de indisposição ocasional.

Entre os restantes participantes, todos corajosos e duma classe média bastante superior ao que esperavamos, arriscamos a destacar o veterano António de

Almeida, décimo a cortar a méta, mas a quem vaticinamos melhoria de classificação na razão directa do aumento de distancia a percorrer.

Encerraram-se hoje, em Garmisch-Partenkirchen, estação de inverno dos Alpes Bávaros, os jogos da IV Olimpíada Branca, a primeira manifestação activa da competição mundial preparada pela Alemanha e que promete ser a mais grandiosa de quantas até hoje se tem realizado.

O certame dos desportos de inverno que, durante quinze dias manteve em constante ansiedade e interesse todo o mundo, constituiu um êxito inigualado; 28 nações enviaram os seus representantes, cujo total excedeu um milhão, e cujas proezas vieram comprovar o prodigioso desenvolvimento tomado no decurso destes anos pelos desportos da neve e do gelo, pelas manifestações do esqui e do patim.

O Comité organizador esmerou-se nos trabalhos preparatórios e pode afirmar-se que em tudo quanto dependia da sua acção, a perfeição era impecável.

Para as provas de patinagem artística e para o torneio de hóquey em patins, construiu-se um amplo estádio, cercado por tribunas, e onde o gelo era obtido artificialmente, para precaver contra possíveis eventualidades atmosféricas e ainda para assegurar absoluta regularidade na superfície patinável.

O trampolim para os saltos emcina outro magnifico estádio, comportando 100.000 lugares, onde se efectuavam também as chegadas das corridas em esqui; a pista para as descidas em "bobsleigh" foi inteiramente preparada pois nada existia em condições de satisfazer, e as corridas em patins aproveitaram a superficie gelada dum lago próximo, desde há muito sujeita a cuidados especiais.

Os países que enviaram atletas aos jogos de Garmisch foram a Austria, Alemanha, Austrália, Bélgica, Bulgária, Canadá, Checoslováquia, Espanha, Estónia, Estados Unidos, Finlândia, França, Grécia, Holanda, Hungria, Inglaterra, Itália, Japão, Jugoslávia, Letónia, Lichtenstein, Luxemburgo, Noruega, Polónia, Roménia, Suécia, Suíça e Turquia.

Num jornal inglês, "European Herald", encontramos recentemente as seguintes definições desportivas, cujo humorismo merece a tradução.

Amador: desportista que recebe muito dinheiro, embora não tenha direito de o fazer.

Profissional: desportista que não recebe muito dinheiro, apesar de ter o direito de o fazer.

Luta livre: espécie de desporto no qual são proibidos o assassinio, a degolação, o enforcamento e os tiros.

"Manager" indivíduo encarre-

A direita: — Jaime Mendes, o vencedor inesperado da Pequena Maratona, passando no Largo da Luz, António Fonseca e Manuel Dias. Em baixo: — Joaquim Correia, o campeão nacional, Adelino Tavares e Augusto Pinto, tendo a rua Maria Pia durante a prova da Pequena Maratona

gado de impedir que um pugilista possua muito dinheiro.

Crítico: individuo desagradável, ignorante de todos os assuntos sobre os quais formula opiniões que ninguém lhe pediu.

Taça Davis: instituição que impede os jogadores de Tennis de passarem a profissionais.

Jiu-Jitsu: arte de deslocar os membros ao adversário sem este dar por isso.

Grande penalidade: injustiça flagrante quando é apitado contra o grupo a que pertencemos.

Barra transversal: instalação destinada a impedir a marcação de pontos e repletar a bola "shotada" pelo adversário.

Fim do mundo: consequência, na opinião pública de certos países continentais, duma derrota num encontro internacional.

O pugilista português António Rodrigues, que numa série de combates disputados com êxito no nosso país, alcançou a simpatia e a estima da massa desportiva popular, prossegue em Espanha a sua actividade merecendo referên-

cias favoráveis na imprensa da especialidade.

A sua primeira apresentação foi vitoriosa, batendo aos pontos o filipino Luis Logan, que no segundo assalto o lançou a terra com um directo da esquerda. O nosso campeão refez-se do precalço fazendo prova de muita valentia e intrepidez e conquistando o direito a uma indiscutida decisão favorável.

Menos feliz no segundo combate, António Rodrigues sofreu uma derrota dos punhos do campeão de Espanha dos meio-pesados, Martínez de Alfara, que há alguns anos era dos melhores europeus na sua categoria. Os técnicos voltam a apreciar a coragem e impetuosidade do nosso compatriota, embora lhe não apreciem muito os conhecimentos técnicos na nobre arte.

A América descobriu um nadador cujos tempos em estilo de costas se aproximam consideravelmente dos resultados em estilo livre. Trata-se de Kieffer, novo recordman do mundo dos cem metros de costas em 1 m. 4,9 s.

Na iminência de nova competição olímpica



pica este precioso achado é um reforço valioso para as aspirações americanas de sacar desforra do xeque que em Los Angeles lhes foi aplicado pelos japoneses.

Avaliando o valor de conjunto dos dois países grandes rivais na arte de nadar, pelos melhores resultados durante a época passada de 1935, o equilíbrio é sensível; os americanos possuem os melhores nadadores de 100 metros, Peter Fick, e de 200 e 400 metros, Jack Médica, mas os japoneses classificam o seu melhor homem em posto imediato.

Salazar Carreira.

# PELO ESTRANGEIRO

A reeleição de Mac Donald

Charles Le Bargy



MORREU em Nice no dia 6 deste mês, o actor Charles Le Bargy, antigo sócio da Comédia Francesa. O público de Lisboa pôde conhecê-lo e apreciar o seu grande talento em 1904 e 1912 quando veio ao nosso país, da primeira vez com a companhia de Grand e da segunda com a de Jane Hading. Dedicou ao teatro 34 anos dum labor consciencioso. A fotografia acima, que data de há poucos meses, mostra o em companhia da grande actriz Cecile Sorel.

A morte de Condylis



FALECEU em Atenas, no último dia do mês findo, o general grego Condylis, dedicado propagandista da restauração monárquica, e que, após o plebiscito que a determinou, ocupou a regência daquele país até à chegada do rei Jorge II. Como militar, Condylis cobriu-se de glória nas guerras em que tomou parte, e pode dizer-se que a sua intervenção foi decisiva para a sorte da revolução venezelista de Outubro. A gravura da direita mostra-o em conversa com o rei Jorge, quando da chegada deste a território grego após a reimplantação do regime monárquico.

Jacques Bainville



A França perdeu no dia 9 deste mês o seu maior historiador contemporâneo na pessoa de Jacques Bainville. O admirável autor de «Os ditadores», que ainda recentemente conquistara um enorme êxito de livraria, fôra há meses recebido na Academia Francesa. A êle se fica devendo uma fecunda obra representada por um considerável número de trabalhos de interpretação histórica.

O «Queen Mary»

ÊSTE gigantesco transatlântico encontra-se em vias de acabamento. Na lubrificação dos seus motores — os mais poderosos até hoje construídos para a marinha mercante — empregam-se cerca de 105.000 litros de óleo. A gravura mostra-nos os dois maiores camiões-tanques da Inglaterra e alguns vagões cisternas empregados no transporte deste caudal de óleo.



O conhecido político inglês Ramsay Mac Donald, que perdera o seu lugar no Parlamento nas eleições de Novembro, acaba de ser reeleito pelas Universidades da Escócia.

## Festas de caridade

## «NAS BELAS ARTES»

Realiza-se no domingo, 16 a primeira tarde infantil de caridade no vasto «hall» da Sociedade Nacional de Belas Artes, organizada por uma comissão de gentis meninas pertencentes à nossa primeira sociedade, da qual fazem parte Ana Rita de Mendonça, Ana Teles da Silva Pacheco, Eugénia Teles da Silva Pacheco, Maria Adelaide de Serpa Pimentel, Maria do Carmo Belford Street, Maria Carlota de Castelo Branco, Maria da Conceição Seabra de Oliveira (Tojal), Maria Francisca Teles da Silva Pacheco, D. Maria Helena Guedes, Maria Helena Vaza de Andrade Antunes dos Santos, Maria Izabel Ferreira Lima Belo, D. Maria José Guedes Machado, Mariana de Serpa Pimentel, Margarida Guedes, e Paulina Maria de Rouro Roquete, que tem a coadjuvantes, um grupo de rapazes, também pertencentes à nossa melhor sociedade do qual fazem parte António Manuel de Lancaster Freitas, José Luis Seabra de Oliveira (Tojal), João Vicente Seabra de Oliveira (Tojal), e Rui Borges de Sousa, revertendo o produto a favor de várias obras de beneficência; que constará de concurso de creanças mascaradas, em que serão disputados artísticos prémios e de «chá dansante», que será abrilhantado por duas exímias orquestras «jazz-band», que tocarão alternadamente afim da dança ser contínua.

Os bilhetes de admissão vendem-se á entrada. A inscrição das crianças mascaradas também se faz no «hall».

Esta elegante festa infantil de caridade; repetir-se-á na tarde de domingo gordo e terça feira de carnaval.

Ontem com uma enorme e selecta concorrência, realizou-se o primeiro baile de carnaval, que este ano foi levado a efeito por uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade, que decorreu sempre no meio da maior animação e alegria, repetindo-se na noite de sábado gordo e terça feira gorda.

## NO VARIEDADES

Com uma enorme e seleta concorrência, realizou-se na tarde do dia 13 do corrente no Teatro Variedades, no Parque Mayer, gentilmente cedido pela empresa António Macedo, uma festa de caridade, a favor do Preventório de Colares, tendo o programa que foi interpretado por crianças, deixado na assistência uma bela impressão não só pela forma como foi desempenhado, como sobretudo pela sua feliz escolha de números.

A comissão organizadora, deve ter ficado satisfeita com os resultados da sua festa sobre todos os aspectos.

## Casamentos

Realizou-se na paróquia de S. Julião, que se encontra hoje instalada na capela dos con-

feitores, à rua de S. Julião, o casamento da sr.<sup>a</sup> D. Maria Helena do Rosário Santos gentil filha da sr.<sup>a</sup> D. Maria do Rosário Santos e do sr. Rosário Santos, já falecidos, com o distinto artista fotográfico sr. Marc Le Noir, filho da sr.<sup>a</sup> de Le Noir e do falecido médico pela faculdade de medicina de Paris, sr. Maurice Le Noir tendo servido de madrinhas as sr.<sup>as</sup> Condessa

D. Maria da Graça Inglesias Viana Roquete e D. Maria Antónia Correia de Sampaio de Castelo Branco e de padrinhos o pai e o tio do noivo sr. Mário Augusto de Mendonça.

Presidiu ao acto o reverendo monsenhor Pereira dos Reis, reitor de Seminário dos Olivais, que no fim da missa fez uma brilhante alocução.

Finda a cerimónia foi servido na elegante residência da tia madrinha da noiva à Praça do Rio de Janeiro, um finíssimo lanche, seguindo os noivos para a Ilha da Madeira, onde foram passar a lua de mel. Aos noivos foi oferecido um grande número de valiosas e artísticas prendas.

— Para seu irmão George, foi pedida em casamento pela sr.<sup>a</sup> D. Izabela de Sousa e Castro Black Freire de Andrade, a sr.<sup>a</sup> D. Maria Tereza Henriques de Lancaster (Alcaçovas), gentil filha dos srs. Condes das Alcaçovas.

A cerimónia realizou-se há nos primeiros meses do corrente ano.

— Realizou-se com grande esplendor na paróquia de Santa Maria de Belem, o casamento da sr.<sup>a</sup> D. Maria Franco de Sousa, filha da sr.<sup>a</sup> D. Maria Carolina Franco de Sousa e do sr. Francisco Franco de Sousa, com o sr. António Baião Pereira Falcão, filho da sr.<sup>a</sup> D. Ana Delfina Carneiro Baião e do sr. António Joaquim Pereira Falcão.

Serviram de madrinhas a sr.<sup>a</sup> D. Amélia Pereira Franco e a mãe da noiva e de padrinhos o pai do noivo e o reverendo prior da freguesia; monsenhor Gonçalo Nogueira, que presidiu ao acto e fez no fim da missa uma brilhante alocução.

Finda a cerimónia foi servido na elegante residência dos noivos, um finíssimo lanche, partindo os noivos depois para o estrangeiro, onde foram passar a lua de mel.

Aos noivos foi oferecido um grande número de valiosas e artísticas prendas.

— Na capela do Carmo, realizou-se o casamento da sr.<sup>a</sup> D. Maria Carlota Aguedo Neto, gentil filha da sr.<sup>a</sup> D. Maria Luiza Aguedo Neto e do sr. João da Silva Neto, com o sr. Fausto da Silva Alves, filho da sr.<sup>a</sup> D. Maria da Conceição Alves e do sr. João da Silva Alves.

Foram madrinhas a mãe da noiva e a cunhada do noivo sr.<sup>a</sup> D. Maria do Amparo Pires Alves, e padrinhos os srs. dr. Artur Aguedo, avô da noiva e António Joaquim Rodrigues.

Ao acto religioso presidiu o reverendo monsenhor Freitas de Barros, que no fim da missa fez uma brilhante alocução.

Terminada a cerimónia foi servido na elegante residência dos noivos um finíssimo lanche da pastelaria «Versailles», partindo os noivos depois para o norte onde foram passar a lua de mel.

Aos noivos foi oferecido um grande número de valiosas prendas.

— Realizou-se com a maior intimidade, na paróquia do Coração de Jesus, o casamento da sr.<sup>a</sup> D. Alzina Ferreira Marques da Costa com o sr. João Aires Caeiro, tendo servido de padrinhos por parte da noiva a sr.<sup>a</sup> D. Berta Osório da Gama e Castro e o capitão de artilharia sr. Alexandre de Vasconcelos e Sá (Silvares) e por parte do noivo seu irmão sr. José de Sousa Caeiro e sua cunhada sr.<sup>a</sup> D. Maria do Carmo Caeiro.

Finda a cerimónia realizou-se um almoço muito íntimo em um dos hotéis da capital tendo apenas assistido os noivos e padrinhos, a sr.<sup>a</sup> D. Maria Luiza Campos e os srs. Mário Noronha e Carlos de Vasconcelos. Findo o almoço, os noivos a quem foram oferecidos grande número de artísticas prendas, partiram para o estrangeiro onde foram passar a lua de mel.

— Realizou-se na paróquia de Santa Engrácia, o casamento da sr.<sup>a</sup> D. Judite Sales Henriques, gentil filha da sr.<sup>a</sup> D. Adelaide Sales Henriques e do almirante sr. Sales Henriques, com o primeiro tenente da armada sr. José da Conceição Rocha, filho da sr.<sup>a</sup> D. Conceição Damaso e Silva Rocha e do sr. José Conceição Rocha, já falecido.

Por parte da noiva foram padrinhos seus pais e por parte do noivo seus irmãos a sr.<sup>a</sup> D. Rosa da Silva Rocha e o sr. Coopernico Conceição Rocha.

Ao acto presidiu o prior da freguesia, revertendo José Gaspar Borges, que no fim da missa fez uma brilhante alocução.

D. Nuno.

## VIDA ELEGANTE

de São Tiago e a Viscondessa de Santarém e de padrinhos os srs. Conde de São Tiago e Visconde de Santarém, presidindo ao acto o reverendo prior da freguesia, que no fim da missa fez uma brilhante alocução.

Terminada a cerimónia foi servido um finíssimo lanche, recebendo os noivos um grande número de valiosas e artísticas prendas.

— Na paróquia de S. Sebastião da Pedreira, realizou-se o casamento da sr.<sup>a</sup> D. Maria Helena Belo Corrêa Pereira, interessante filha da sr.<sup>a</sup> D. Tereza Belo Corrêa e do ilustre oficial da armada, comandante sr. João Corrêa Pereira, com o sr. Carlos Quintanilha e Mendonça de Arbues Moreira, filho da sr.<sup>a</sup> D. Juvenalia Gomes da Costa de Arbues Moreira e do sr. Ernesto Quintanilha de Mendonça de Arbues Moreira, servindo de madrinhas as sr.<sup>as</sup> D. Maria Emília Mendes de Almeida, tia da noiva e D. Carlota Vaz Gomes e de padrinhos os srs. Anibal de Mesquita Guimarães e Raimundo Quintanilha de Mendonça.

Finda a cerimónia foi servido na residência dos pais da noiva, um finíssimo lanche.

— Consorciou-se na paróquia do Beato a sr.<sup>a</sup> D. Adelaide Marques, filha da sr.<sup>a</sup> D. Joaquina Marques e do sr. José António Marques Júnior, comerciante, com o sr. Joaquim dos Santos Marques, filho da sr.<sup>a</sup> D. Maria da Piedade Ferreira e do sr. António dos Santos Ferreira, comerciante. Foram padrinhos por parte da noiva a D. Adelaide Moura Pinha e seu filho Jaime Moura Pinha, e por parte do noivo a sr.<sup>a</sup> D. Maria José Martins e seu esposo Américo Antunes Martins.

Finda a cerimónia foi servido na casa dos pais do noivo um finíssimo copo de água.

Aos noivos foram oferecidas lindas e valiosas prendas.

— Realizou-se na capela do Senhor Jesus dos Navegantes, o casamento da sr.<sup>a</sup> D. Maria Joaquina Correia de Sampaio Ferreira Roque, interessante filha da sr.<sup>a</sup> D. Maria Leonor Correia de Sampaio Roque e do distinto engenheiro da Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses, sr. José Viana Ferreira Roque, com o sr. Pedro de Varennes Monteiro de Mendonça, filho da sr.<sup>a</sup> D. Maria Izabel de Varennes Monteiro de Mendonça e do distinto engenheiro Raul Miguel de Mendonça.

Serviram de madrinhas as tias da noiva sr.<sup>a</sup>



Casamento da sr.<sup>a</sup> D. Adelaide Marques com o sr. Joaquim dos Santos Marques. Os noivos à saída da igreja



DICIONÁRIOS ADOPTADOS

Cândido de Figueiredo, 4.<sup>a</sup> ed.; Roquete (Sinónimos e língua); Francisco de Almeida e Henrique Brunswick (Pastor); Henrique Brunswick; Augusto Moreno; Simões da Fonseca (pequeno); do Povo; Brunswick (antiga linguagem); Jaime de Séguier (Dicionário prático ilustrado); Francisco Torrinha; Mitologia, de J. S. Bandeira; Vocabulário Monossilábico, de Miguel Caminha; Dicionário do Charadista, de A. M. de Sousa; Fábula, de Chompré; Adágios, de António Delicado.

CORREIO

*Dama de Copas.* — Évora — A sede da Tertúlia Edípica é na praça dos Restauradores, 13-1.<sup>o</sup>, sala 26. Que nós saibamos, não existe presentemente no País outra sociedade charadística legalmente constituída. Todas as iniciais diferentes de T. E. usualmente empregadas, entre paréntesis, no fim do pseudónimo referem-se, em geral, a grupos formados por meia dúzia de charadistas que reúnem os seus esforços, na ânsia de assim alcançarem maiores honrarias como decifradores. Por via de regra são todos de duração efémera... e quasi nunca deixam saúda-des — charadisticamente e entre os próprios fundadores. Quanto ao Congresso Charadístico, não estamos habilitados a satisfazer a sua pretensão. Dado, porém, o interêsse que a illustre confreira manifesta por êsse grande empreendimento edípico, damos-lhe de conselho tratar o assunto com a direcção da T. E., que certamente se apressará a informá-la pormenorizadamente. O «Dicionário do Charadista», de A. M. de Sousa, pode adquiri-lo também na T. E., que se encarregará de lho remeter á cobrança. O seu preço, salvo erro, é de 90\$00 cada volume.

*Efonsa.* — Vila Silva Pôrto. — Foi com muito prazer que recebemos a sua prezada remessa de artigos charadísticos, que, na forma habitual, gostosamente publicaremos. Ficamos aguardando agora o cumprimento da sua promessa — o envio de *figu-rados* pelo próximo barco. Muito gratos por tudo.

*Kossor.* — Lisboa — Por lapso não respondemos, conforme pediu, à sua carta de 10 de Dezembro último. As nossas desculpas. E' sim, senhor, mas nós, por uma questão de hábito, *nevera comprehendemos essas coisas*...

A colaboração e óptima e até indispensável nestas colunas, pelo que lhe rogamos o envio de nova e bem volumosa remessa. Gratos.

APURAMENTOS

N.º 43

PRODUTORES

QUADRO DE DISTINÇÃO

MIMI BÁRCIA  
N.º 22

QUADRO DE CONSOLAÇÃO

DAMA NEGRA  
N.º 20

OUTRAS DISTINÇÕES

N.º 8, Ferjobatos  
DECIFRADORES

QUADRO DE HONRA

Decifradores da totalidade — 23 pontos:

Alfa-Romeo, Frá-Diávollo, Cantente & C.<sup>a</sup>, Gigantezinho, José da Cunha, Fan-Fan, Ká-bula, Magnate.

QUADRO DE MÉRITO

Ti-Beado, 21. — Salustiano, 18. — Rei-Luso, 18. — Só-Na-Fer, 16. — Só Lemos, 16. — Sonhador, 13. — João Tavares Pereira, 13. — Lamas & Silva, 10. — Salustiano, 10.

OUTROS DECIFRADORES

D. Dina, 9. — Lisbon Syl, 9. — Aldeão, 8  
DECIFRAÇÕES

1 — Agra-grado-agrado. 2 — Após-pôsto-apôs-to. 3 — Copa-pada-copada. 4 — Sara-raça-saraça. 5 — Cassoco. 6 — Entrado. 7 — Rei-quecima-do. 8 — Toldado-tôldo. 9 — Doirada-doida. 10 —

SECÇÃO CHARADÍSTICA

Desporto mental

NÚMERO 52

Marouco-maco. 11 — Pifio-pio. 12 — Galana-gana. 13 — Concede-conde. 14 — Estado-a-ão. 15 LQ (Leque). 16 — Marulho. 17 — Finca-pé. 18 — Caso. 19 — Grávido-grado. 20 — Fadado-fado. 21 — Vagante-vate. 22 — Alfama-alma. 23 — Perdigão gordo, pássara magra.

TRABALHOS EM PROSA

MEFISTOFÉLICAS

1) Mesmo que um *homem finório me atormente*, continuarei a ser a mesma *mulher muito morena*.. (2-2) 3.

Lisboa D. Aurora

2) *Viver! Mentir! Prolongar o sofrimento*... (2-2) 3.

Colares Maria Luiza

3) Com uma *medida agrária administro* bem o remédio para a cura do *quebranto*. (2-2) 3.

Luanda Ti-Beado

NOVÍSSIMAS

4) Essa *maluqueira* é por «causa» da *mania* da grandeza? 2-1.

Lisboa D. Campeador

5) *Além disso*, está na minha *vontade preferir* os homens louros... 1-2.

Lisboa Miss Diabo

6) *É criado* para limpar o *relicário* e trazer todo o serviço *bem organizado*. 2-1.

Lisboa Silva Lima (T. E.)

7) *Lamenta com pesar* o *chorão*. 2-1.

Luanda Ti-Beado

SINCOPADAS

8) A *importância* dessa *porção* de coisas está no valor *estimativo*. 3-2.

Lisboa Lérias

9) A *cara magra e pálida* tem às vezes uma boa *aparência*.

Luanda Ti-Beado

TRABALHOS DESENHADOS

16) ENIGMA PITORESCO



Lisboa



Euristo

TRABALHOS EM VERSO  
ENIGMA

10) «Há quatro e nada». Nesta frase se consomem — Mas que charada! — As energias dum «homem». Torres Vedras Alfa & Omega

11) No feminino, Ninguém enaltece A espécie de verdilhão Que nos aparece.

No masculino, A arrogância De um charadista De importância.

No aumentativo Acaba-se a questão Com a presença De um comilão.

Luanda Ti-Beado

MEFISTOFÉLICAS

12) O Zé «Costa», um valentão, *Vence em luta*, é um portento, *Tôda a gente — é campeão — Sem qualquer abatimento*. (2-2) 3.

Lisboa Dr. Magrinho

13) Diz o *hospedeiro* à sopa: — Eh lá! toca a *levantar!* «Temos hoje muita roupa P'ra marcar e *apartar*». (2-2) 3

Mafra Deka

NOVÍSSIMAS

*Agradecendo ao director, «Rei-Fera», as suas amabilidades*

14) Senhor «Fera», director: Por esta via agradeço A gentileza, o favor Das mercês que não mereço.

Bem sei que não é bastante O mero agradecimento Num verso periclitante, Lacunoso de talento.

As atenções, os favores Sempre as *paguei* pobremente; — 2 Se sou pobre, sem valores, Como pagar ricamente?...

Mas, a-pesar-de pobrinho Não me quer' mal o confrade: Dispensa-me o seu carinho Com bem «régia» urbanidade.

Se eu tivesse coração — *Que pena* já não o usar! — 1 Com tôda a satisfação Havia de lho mandar!

E nem assim ficaria *Satisfeito* o meu desejo: A vossa galantaria Com que pagá-la não vejo!

Silva Pôrto-Bié Efonsa

ADEUS, AMADA!

15) Adeus, amada! Adeus, querida! Já não sou nada Na negra vida!

A Parca ronda a minha porta, — 1 Dos olhos vai a luz fugindo! — 1 Da vida tôda a esperança é morta, E morto é já meu sonho lindo!

Sinto fugir O meu alento! Quero partir, Não ter tormento! Meu coração Já vai parar! Perco a razão, Quero chorar...

Adeus, meu grande amor e vida minha! Da Terra já não sou e nem do Céu! Adeus!... Adeus!... Tu vais ficar sôzinha... Chorando aquele amor que te morreu...

Lisboa Fino Del

Tôda a correspondência relativa a esta secção deve ser dirigida a LUÍZ FERREIRA BAPTISTA, redacção da *Ilustração*, rua Anchieta, 31, 1.<sup>o</sup>—Lisboa.



# QUANDO O AMOR MORRE...

**F**AZ-ME sempre muita pena e como-ve-me até às lágrimas a notícia da separação de duas criaturas que durante anos levaram a vida de mãos dadas e corações unidos, para afrontarem juntas os desígnios da sorte.

Depois de terem passado anos a aprender a conhecer-se, e sabendo depois serem almas irmãs que se querem com infinito amor, tendo arrastado perigos, amparando-se mutuamente, quer em perturbações de ordem moral, quer em crises económicas, tendo embebido o espírito nas mesmas raras alegrias, eis que num ou noutro dos componentes de um casal aparece o antipático micróbio do aborrecimento a enevoar uma felicidade que parecia poder brilhar sempre com igual esplendor.

Aqui há tempos, entristeceu-me a separação de duas individualidades do nosso teatro musicado — êle empresário, ela actriz.

Ambos estimados e simpáticos, tinham vivido até ali na mais doce e completa harmonia, sem que o mais leve sintoma de discordia transpirasse pelos bastidores.

E sabe-se como tudo ali chega depressa e como dali também depressa se espalha cá por fóra, para gáudio de certas criaturas, a quem o mal dos outros só serve de distração para alguns comentários alegres, e nunca de motivo de reflexo pesando as agruras da vida. Nêstes amores de teatro, quási sempre breves e pouco significativos, constituindo apenas uma aventura, mais um nome e a acrescentar na lista das conquistas, estas criaturas cujo passado estou recordando eram uma excepção, pela se-

Douglas Fairbanks



riedade da sua ligação e pela afeição sincera que as unia.

E, de repente, anos passados, — sete anos, creio lembrar-me — a nova da sua separação explodiu e impressionou os que mais de perto conheciam o simpático par.

Perguntar de quem foi a culpa é trabalho escusado — trabalho que não terá nunca uma recompensa. Uma vez, cabe à mulher, outras, ao homem e ainda, não raramente aos dois.

E não se lhes póde atirar a primeira pedra, porque a sua culpa é aparente só.

Ninguém manda no coração, e "o coração têm razões que a razão desconhece".

Nós sômos todos assim: Follhas soltas que ao sabor do vento do nosso capricho, vento que ás vezes se disfarça em bruma, para melhor nos colher desprevenidos, quando a tormenta estala.

E tive, então um desgosto que exteriorizei na minha secção diária da *Tarde*, — "Querem saber".

Ainda assim êstes dois descontentes ao separarem-se, continuaram presos pelos laços da amizade.

Êle segue sempre empresário, e no seu elenco há de cada vez um lugar para a sua antiga companheira.

Isto só mostra a grandeza de alma dêsse homem, porque em muitos casos fica a substituir o amor que morreu uma aversão que o vence na violencia.

Agora, um caso idêntico se deu longe daqui, com pessoas que só conhecemos de retrato na brancura das telas do cinema.

Caso talvez mais impressionante ainda, pela duração de tais laços, laços legais, mas que não têm mais valor moral, por que o amôr, preso à lei ou livre dela, é sempre amôr.

Tôda a gente que lê jornais, pouco ou muito, deve lembrar-se dum decantado par de artistas célebres da fotografia animada, ambos queridos, ambos ligados ao público pelo mesmo fluido de simpatia pessoal que dêles emana.

Dizia-se que nunca se havia conhecido, no mundo variegado da Cinelandia, um casal tão amante e que tanto se quizesse e se respeitasse mutuamente.

A "Noiva do mundo", como lhe chamavam, quando ela usava a cabeleira em cachos caídos nos ombros, adorava o seu maridinho, e êle, o saltador-atleta, o D. Juan da tela, só a ela amava e, se muitas namorava por conta dos argumentistas, quando deixava os sets de filmagem não fazia pé de alferes a nenhuma beldade, porque só a sua Mary lhe cumulava as aspirações de beleza e carinho.



Mary Pickford

Já sabem que me refiro à Pickford e ao Fairbanks, não é verdade?

Êsse par ideal também não resistiu — embora lutasse para isso — ao tal micróbio devastador de amores, e acaba de pôr o ponto final na sua novela que durante largos anos deliciou as meninas românticas que ainda acreditam num único amor.

O processo arrastou-se pelos tribunais e, no entretanto, havia sempre gente que acreditava que fôsse possível uma reconciliação.

Quando o amor morre é sempre para dar lugar a um novo amor.

Acontece que entre um amor e outro amor há, por vezes, um período do sofrimento, enquanto a ferida não sara, período necessário, porque o coração não poderia suportar chaga sôbre chaga, e o amor acaba sempre por dilacerar a sua preza.

Como a beleza mais surpreendente e maravilhosa, depois de morta, é o horror de uma caveira, o beijo mais doce e tenro vem a dar sempre em dentada, quando se fartou da mesma bôca.

Mary e Douglas desertaram, a linda vivenda de Pickford, onde desfiaram os seus ardentes beijos de amor, onde mil juramentos de fidelidade trocaram, realmente convencidos de que era assim e de que assim seria sempre.

E eram sinceros. Sempre se é sincero, quando se promete amôr eterno, porque ninguém sente lá dentro no peito, muito aconchegado e escondido como um ladrão, o desencanto à espera da hora propícia para apresentar-se em amo e senhor, como a doença espera o depauperamento do organismo que secretamente consome, para dêle se apoderar definitivamente.

O pior é que a alma, antes que o corpo caia para sempre, sofre tantas mortes, como quantas vezes o amor dentro dela morre.

Mercedes Blasco.

O Bêlinho, que é um menino-prodígio, estava há dias sentado junto do calorífero da sala, a brincar com o gato.

O ambiente era confortável e o bichano, sentindo-se bem com as carícias do Bêlinho, começou a fazer ouvir o seu habitual *ron-ron*.

Bêlinho, que nunca escutára essa manifestação do bem-estar do animal, olhou para êle estarrecido. Depois, movido por subito impulso, puxou-lhe violentamente pela cauda, obrigando-o a fugir para bem longe.

A mãe, que presenciara a cêna, não deixou de intervir com uma repreensão.

— Bêlinho! Para que és tão mau? Que mal te tinha feito o pobre animal?

Mas o menino-prodígio explicou:

— Foi para o afastar do fogão, mamã, porque estava já a começar a ferver.

— Pode dar-me alguma coisinha para comer?

— Não, mas posso dar-te trabalho.

— Isso não me serve, porque me faz mais fome.

O pai, terminando a narrativa das suas aventuras que acaba de fazer ao filho: — E aqui tens, meu rapaz, o que eu fiz na Grande Guerra.

— Mas, papá, para que fôram precisos tantos homens além de si, para vencer.

Uma senhora de idade dirigiu-se ao seu Banco e pediu para lhe venderem na Bolsa um lote de acções que possuía.

— Faz mal em se desfazer dêste papel



— observou-lhe o empregado — Esta empresa está próspera e tende cada vez a desenvolver-se.

— Pois eu não estou nada satisfeita com ela — respondeu a cliente. — Não me inspiram confiança. Parece que estão sempre a mudar de director porque cada vez que recebo uma carta, traz uma letra diferente no envelope.

Num tribunal. Uma testemunha do sexo feminino adianta-se para depôr e o juiz faz-lhe as perguntas do estilo:

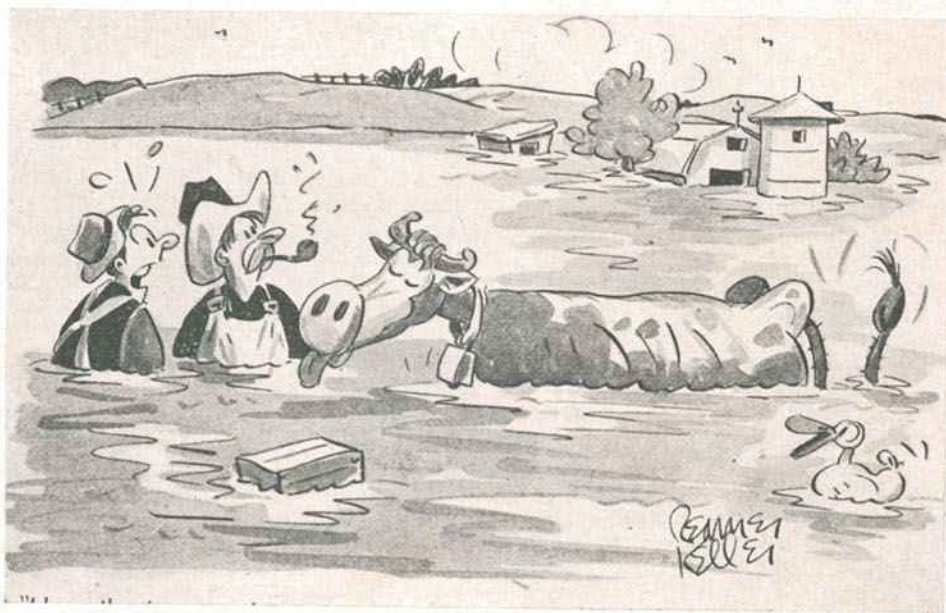
— Que idade tem?

— Vinte e um anos e alguns meses.

— Lembra-se que jurou dizer a verdade. Quantos meses ao certo?

— Cento e vinte...

Num banquete, um célebre jogador do *golf* ficou sentado junto duma encantadora desconhecida, e durante tôda a refeição ocupou a conversa em descrever-lhe as suas proezas, com grande cópia de pormenores técnicos. Já na altura do sobremesa, observou:



— Oxalá que a cheia passe depressa. Tenho recebido imensas reclamações acusando-me de misturar água no leite.

— Desculpe-me se a tenho massado, falando só dêste assunto que talvez não a interesse...

— Oh! De modo nenhum. Tenho gostado imenso de o ouvir, mas já agora diga-me: Que vem a ser isso do *golf*?

O major estava fazendo uma prelecção aos seus soldados. "Se um paisano provocar um soldado numa taberna, — disse êle — o soldado deve beber o seu vinho e sair sem dar importância ao que dizem.

E dirigindo-se a um dos ouvintes:

— Soldado 42. Que devia fazer se numa taberna fôsse provocado por um civil?

— Bebia o vinho dêle e saía sem fazer caso do que dissessem.

Num baile:

*A mulher*: Com esta é a décima vez que vais ao bufete. Torna-se reparado...

*O marido*: Não tem importância. Digo a tôda a gente que vou buscar qualquer cousa para ti.

— Sabes que êle mobilou tôda a casa com móveis em segunda mão?...

— Pois se êle até casou com uma viuva...

— A minha prima é muito assustadiça. Têm medo da sua própria sombra.

— Não me admiro nada. Com o nariz que ela têm...

Após o julgamento, o juiz para o réu:

— ... e, portanto, não havendo provas contra si, fica absolvido e pode sair em liberdade.

*O réu*: Mas, senhor doutor-juiz, estive preso oito dias para averiguações. Isso não me dá agora o direito de cometer um delitozinho, sem ficar sujeito a penalidade.

*Laura*: — Achas que o António me amará ainda mais quando casarmos?

*Beatriz*: — Tenho a certeza. Êle adora as mulheres casadas.

*Pai*: — Penso entregar-te o negócio no ano que vem e retirar-me para descansar.

*Filho*: — Olhe, pai. Trabalhe mais alguns anos e depois retiramo-nos ambos.

Numa aula de instrução primária:

*O professor*: Qual é o plural do cão?

*O aluno*: Cães...

*O professor*: E o plural do vagão?

*O aluno*: Comboio...

# A MULHER E A MESA

A boa dona de casa, aquela, que vive para o seu lar, e para a família, para o marido e para os filhos, para todos os seus amigos, tem fatalmente de se ocupar da casa, e sobretudo da mesa.

Nesta ocasião de festas em que entre nós, se usa tanto receber, não é fóra de propósito ocuparmos da mesa e da sua disposição. Por muito alegre que uma festa seja, por muito bem que nela se esteja, ainda que as «toilettes» sejam deslumbrantes, a beleza das mulheres estonteadora, a animação dos homens contagiosa, o «jazz-band» convidativo, se não houver uma linda mesa, bem decorada, guarnecida a flores e coberta de tudo o que se usa comer nestas ceias, «sandwiches» carnes frias, «croquettes» «galantines», «foie gras», bolos, doces frutas, bons vinhos, «cup» «champagne» ninguém dirá que foi uma boa festa, porque a qualidade e a abundância do serviço é sempre citada ao elogiar uma festa.

Ninguém diz que um baile foi bom, sem acrescentar: a ceia era esplendida, e, este elogio sai de todas as bocas até mesmo daquelas, que aos 18 anos, nem sequer fazem honra à ceia, ocupadas apenas em dançar brincar e aproveitar as primeiras festas da juventude em flor.

É pois necessário ao organizar uma festa não descuidar essa parte, que eu não quero afirmar que seja a mais importante para todos, mas é certamente para a maioria, principalmente para aqueles que já não dançam, de uma grande importância, contribuindo e muito para o bom resultado e brilho da festa, na opinião materialista dessa parte de frequentadores de bailes e reuniões.

Mas se nos bailes e nas grandes festas a mesa é uma das mais importantes coisas para o seu êxito, o que não diremos dessas pequenas reuniões de amigos, uma ceia, um jantar um almoço?

Parecendo que não estamos já, na época em que se comia brutalmente, em que havia banquetes que duravam tres dias e mais, é para notar que a maneira que todos temos de obsequiar os nossos parentes e amigos é convidando-os para comer, para um jantar para um almoço ou mesmo para um simples chá, em todo o caso lá caímos na maneira de ser amavel e gentil dos antigos.

Hoje não se come já, como antigamente se fazia. O medo de engordar que têm homens e mulheres, a falta de saúde de muitos, e as regras higienicas que todos agora pouco mais ou menos seguem modificaram muito a alimentação e as ementas de outros tempos seriam a causa de graves doenças na actualidade assim como as de agora seriam consideradas ridiculas então. Mas se hoje por qualquer razão se come menos é-se em compensação muito mais exigente na apresentação dos pratos na decoração da mesa do que então se era.

Na época em que os celebres banquetes da cõrte de Inglaterra quando era rei Henrique VIII impressionavam a Europa, não havia a preocupação da decoração da mesa. Carneiros inteiros, meias vitelas, galinhas às duzias eram a melhor guarnição exigida, que os cangirões de prata cheios de vinhos preciosos completavam. Nessa época, a primeira coisa que se exigia era a abundância de vitualhas; em pleno século vinte, a elegância do ambiente, a decoração da mesa e a sua aparência tem uma grande influência, para que um banquete, um jantar de cerimónia ou uma simples refeição familiar agradem.

Os estomagos primavam tudo, nas épocas passadas e que estomagos! A quantidade de comida que digeriam num só jantar, chegaria agora para alimentar uma pessoa oito dias, e não ha exagero nesta afirmação ainda que o pareça.

Hoje são os olhos que necessitam ser bem tratados, para que os estomagos se decidam a receber o alimento. Uma mesa descuidada e coberta de comida em abundância exagerada, em vez de atrair os convidados e de os encantar, causa-lhes repugnância e até horror.

Porque habituados a não comer exageradamente, o excesso de comida em vez de ser agradável, torna-se aborrecido; o que os civilizados de hoje exigem é a beleza, o cuidado na apresentação dos pratos, a graça na disposição das mesas.

Cada país tem hábitos dife-



rentes na apresentação das mesas. Entre nós apresentam-se mesas bem decoradas e ricamente guarnecidas, com as mais variadas iguarias e doces como as não ha em parte nenhuma do mundo.

Os estrangeiros que frequentam as nossas festas são unanimes em o declarar e em admirar as mesas das ceias a que assistem.

Em França a graça na apresentação das mesas é celebre, mas a abundância nem sempre preside, porque para esse admirável povo duma sobriedade única, qualquer coisa é alimento que chega, o que não impede, que a sua população seja forte e saudável e que a sua delicada cozinha seja a melhor do mundo.

Na Inglaterra com o culto do «home» ha o culto da elegância na mesa, das lindas toalhas de renda, das ricas pratas, dos belos cristais e se a sua comida está longe de ter o requinte e a graça da comida francesa, tem a abundância e a simplicidade, que muito contribuem para a boa saúde.

Não é pois de mais lembrar á mulher o seu dever de cuidar com a maior atenção a sua mesa. Desde a toalha que deve ser elegante, ás loiças e cristais, ás pratas e a tudo que a deve adornar e tornar encantadora, merece a sua atenção.

E seja qual fóra a vida da mulher, mulher da sociedade, da vida familiar ou mulher que trabalhe, a sua mesa mesmo só, para a família, deve ser cuidadosamente tratada, porque é um sinal de elegância intelectual e de cuidadosa dona de casa, título este a que toda a mulher deve aspirar, porque na sua vida de mulher é o melhor, que lhe podem dar. E seja de trabalho intelectual ou não a sua vida, ela deve lembrar-se sempre de que é mulher.

Além disso, o culto da mesa é uma das mais delicadas operações que a vida doméstica exige da mulher, e aquela em que a boa dona de casa melhor pode afirmar o seu gosto e a sua personalidade.

Maria de Eça.



**Bridge**

(Problema)

Espadas — R.  
Copas — 9.  
Ouros — 10.  
Paus — R., 7, 6, 4.

Espadas — D., 6, 5. **N** Espadas — 9, 8, 4.  
Copas — V. **O E** Copas — ———  
Ouros — 3, 2. **S** Ouros — 9, 7.  
Paus — 9. Paus — D., 10.

Espadas — A., V., 7.  
Copas — R.  
Ouros — D., 5.  
Paus — 5.

Trunfo é copas. S joga e faz as vasas todas.

(Solução do número anterior)

S joga o 7 de espadas, O o Valete de espadas, N o 3 de espadas e E o 9 de espadas.

O joga 10 de ouros, N Valete de ouros, E 5 de ouros, S 2 de ouros.

N joga 8 de espadas, E dama de espadas, S rei de espadas, O 5 de espadas.

S joga Valete de paus, O 4 de paus, N 5 de paus, E 2 de paus.

S joga 3 de paus, O 6 de paus, N az de paus, E 9 de paus.

N joga 10 de espadas, E 10 de paus, S Valete de copas, O 2 de copas.

N joga 9 de ouros, E 7 de ouros, S Az de ouros, O 6 de copas.

S joga rei de paus (Nesta altura O e E são forçados a baldar-se a cartas que firmam as cartas de S ou de N). O 7 de paus, N 4 de copas, E 5 de copas.

S joga 3 de copas e N faz as tres cartas de copas.

**As primeiras greves**

Por uma comunicação feita à *Academia das Inscrições e Belas Letras*, de Paris, soube-se que já no tempo de Faraó, os operários faziam greve e praticavam actos de *sabotage*.

Falando a respeito do engenheiro Cléon, que sob o reinado de Ptolomeu Filadelfo, fôra encarregado de importantes trabalhos de desecação e de irrigação no Egipto, é que M. Bouché-Leclerc apresentou interessantes apontamentos sobre a técnica dos trabalhos, sobre o preço dos mate-

**PIRÂMIDE DE FESTA**

riais, a direcção dos operários, etc., achando-se todas estas informações consignadas nos documentos deixados pelo engenheiro Cléon.

O facto mais curioso, encontrado nestes documentos, é que, nessa época remota, os operários cansados de esperarem um aumento de salário, se recusaram a continuar trabalhando e puzeram-se em greve depois de terem danificado o material das construções e praticado actos de violência sobre os seus superiores. E passava-se isto 300 anos antes de Jesus Cristo.

**A longevidade dos animais**

Dois sábios ingleses, sir Peter Chalmers Mitchell e o major Stanley Flower, acabam de publicar o resultado de minuciosos estudos sobre o longevidade dos animais. Aqueles que possuem o sangue frio parecem deter o *record* dessa longevidade, especialmente as tartarugas de jardim, que podem chegar a centenárias e mesmo bi-centenárias.

Os autores citam uma que viveu 96 anos na mesma família, em Cornwall (Inglaterra). Os peixes podem atingir uma idade avançada, de 40 a 60 anos. A média da idade extrema dos animais seria a seguinte: elephante, 50 anos; rinoceronte, 45; hipopótamo, 40; caválo, 40; baleia, 40; urso, 35; macaco, 35; gato, 30; girafa, 30. Os animais selvagens, como o leão, por exemplo, têm mais probabilidades de chegarem a velhos quando estão em jaulas, onde se cuida da sua alimen-

**Desenho a traço contínuo**

(Passatempo)

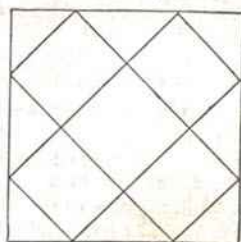


Figura para ser desenhada a traço contínuo, sem cruzar linhas nem passar duas vezes pela mesma.

tação, do que em liberdade, onde a sua existência depende das suas capacidades venatórias.

A longevidade dos passaros está sujeita a numerosas lendas.

Possuem-se todavia, provas certas de pagaios que atingiram 105 anos. Os passaros pequenos como o rouxinol, canários, etc., podem viver de 20 a 25 anos.

Em Inglaterra, no condado de Essex, uns operários que estavam trabalhando numa casa nova em Gidéa Park, notaram um casal de pintarroxos construindo o seu ninho num canto do que estava destinado a ser sala. Foram imediatamente dadas ordens para o trabalho ser suspenso nessa parte da casa. E só recommençou depois de estar criada a ninhada de pintarroxos.

**A palavra disfarçada**

(Problema)

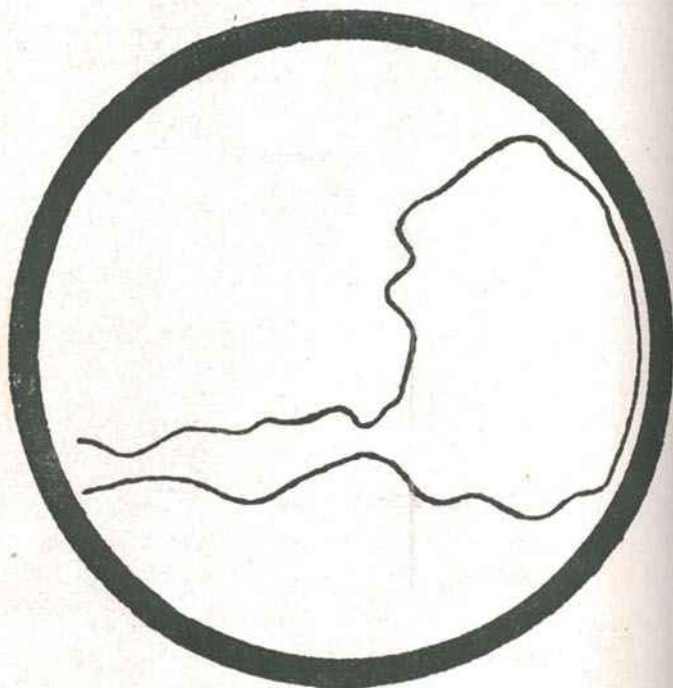
Aqui estão doze letras em perfeita desordem. Colocadas na sua ordem devida formam uma palavra.

E' adivinhá-la. Não diremos a sua significação porque se tornaria o problema fácil em excesso.

i i e e d d n r a u s v

**As pontas de linha**

(Solução)



O desenho junto dá a solução do problema, indicando qual era a linha mais comprida. O número delas, ao todo era de 40.



A patroa: — Santo Deus! Mas que quer dizer isto, Gertrudes

A criada: — Desculpe, minha senhora, mas quando a senhora tocou para trazer o chá, estava eu justamente a experimentar o meu fato novo para o baile de máscaras de domingo. — (Do «The Happy Magazine»).

## Obras de AQUILINO RIBEIRO

ANATOLE FRANCE (Estudo) — 79 págs., brochado.....	5\$00
ANDAM FAUNOS PELOS BOSQUES — 356 págs. brochado..	12\$00
ESTRADA DE SANTIAGO (Contos: A maldição cubra os pardais, O Malhadinhas, Valeroso milagre, A Grande Dona, Bufonaria heroica.) — 408 págs., brochado.....	12\$00
FILHAS DE BABILÓNIA (Duas novelas: Olhos deslumbrados e Maga.) — 320 págs., brochado.....	12\$00
O HOMEM QUE MATOU O DIABO (Romance) — 353 págs., broch. ....	12\$00
JARDIM DAS TORMENTAS (Prefácio de Malheiro Dias. Contos: A Catedral de Cordova, A inversão senti- mental, Sam Gonçalo, A tentação do sátiro, Triunfal, No solar de Montalvo, A hora de Vésperas, A pele do bombo, Tu não furtarás, O remorso, A revolução.) — 328 págs. brochado .....	12\$00
TERRAS DO DEMO (Romance) — 332 págs., brochado.....	12\$00
VIA SINUOSA (Romance) — 360 págs., brochado.....	12\$00
A BATALHA SEM FIM (Romance) — 308 págs., brochado...	12\$00
AS TRES MULHERES DE SANSÃO (Novelas) — 268 págs., brochado .....	10\$00
MARIA BENIGNA (Romance) — 286 págs., brochado.....	12\$00
É A GUERRA — Diário da grande conflagração europeia, — 304 págs., brochado .....	12\$00
ROMANCE DA RAPOSA, 2. <sup>a</sup> edição muito remodelada, com ilustrações de Benjamin Rabier, 1 vol de 176 págs., ilu-trado com 44 gravuras no texto, 16 estampas a côres em hors-texte e capa a côres.....	15\$00
ALEMANHA ENSANGUENTADA, 1 vol. de 312 págs., broc.	12\$00
QUANDO AO GAVIÃO CAI A PENA, 1 vol. de 272 págs., broch.	12\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**  
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

## COLECCÃO FAMILIAR P. B.

Esta colecção, especialmente destinada a senhoras e meninas, veio preencher uma falta que era muito sentida no nosso meio. Nela estão publicadas e serão incluídas sómente obras que, embora se esteiem na fantasia e despertem pelo entrecho romântico sugestivo interesse, oferecem também lições moralizadoras, exemplos de dedicação, de sacrifício, de grandeza de alma, de tudo quanto numa palavra, deve germinar no espirito e no coração da mulher, quer lhe sorria a mocidade, atavida de encantos e seduções, quer desabrochada em flor após ter sido delicado botão, se tenha transformado em mãe de família, educadora de filhos e escrínio de virtudes conjugais.

Volumes publicados:

### M. MARYAN

Caminhos da vida  
Em volta dum testamento  
Pequena rainha  
Divida de honra  
Casa de familia  
Entre espinhos e flores  
A estátua velada  
O grito da consciência  
Romance duma herdeira  
Pedras vivas  
A pupila do coronel  
O segredo de um berço  
A vila das pombas  
O calvário de uma mulher  
O anjo do lar  
A força do Destino

### SELMA LAGERLÖF

Os sete pecados mortais e outras histórias  
Cada vol. cartonado . . . Esc. 8\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**  
75, Rua Garrett, 75 — LISBOA

## Minerva Central

### LIVRARIA, PAPELARIA e OFICINAS GRÁFICAS

A mais antiga e importante  
da Colónia de Moçambique

Depositário das mais importantes livrarias do país

Correspondência directa com as  
principais casas editoras de ESPANHA,  
FRANÇA, ITÁLIA, INGLATERRA,  
ALEMANHA e AMÉRICAS

Casa editora do **CODIGO TELEGRÁFICO "GUEDES"**  
e de outras publicações

Completo sortido de todos os livros  
para o ensino primário e secundário

LIVROS SOBRE ARTES, CIÊNCIAS E INDUSTRIAS



Fachada dos Estabelecimentos da Minerva Central em Lourenço Marques  
na Rua Consiglieri Pedroso — fundados em 1907

### PAPELARIA

O mais completo apetrechamento para escritório  
dos melhores fabricantes europeus e americanos

### TIPOGRAFIA, ENCADERNAÇÃO E FABRICO DE CARIMBOS DE BORRACHA

Fazem-se todos os trabalhos, livros e jornais

Caixa postal 212

End. Teleg. MINERVA

**LOURENÇO MARQUES**

— AFRICA ORIENTAL PORTUGUESA —

Rua Consiglieri Pedroso, 21 a 39

## ANTOLOGIA PORTUGUESA

ORGANIZADA PELO

**Dr. Agostinho de Campos**

Sócio Correspondente da Academia das Ciências de Lisboa

Volumes publicados:

Afonso Lopes Vieira, um volume. — Alexandre Herculano, um volume — Antero de Figueiredo, um volume. — Augusto Gil, um volume. — Camões lírico, 1.º, 2.º, 3.º e 4.º volumes. — Eça de Queirós, dois volumes. — Fernão Lopes, três volumes. — Frei Luís de Sousa, um volume. — Guerra Junqueiro, verso e prosa, um volume. — João de Barros, um volume. — Lucena, dois volumes. — Manuel Bernardes, dois volumes. — Paladinos da linguagem, três volumes. — Trancoso, um volume.

Em preparação: Camões lírico, 5.º volume.

Cada volume brochado. . . . . 12\$00  
Cada volume encadernado. . . . . 17\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — 73, Rua Garrett, 75-LISBOA

Um romance formidável!

# SEXO FORTE

por SAMUEL MAIA

**3.<sup>a</sup> ed.** Este romance de Samuel Maia, dum vigoroso naturalismo, forte no desenho dos caracteres e na mancha da paisagem beirã dada por largos valores, estuda a figura de um homem, espécie de génio sexual (na expressão feliz do neurriatra Tanzi), de cujo corpo parece exalar-se um fluido que atrai, perturba e endoidece todas as mulheres. Com o **SEXO FORTE** Samuel Maia conquistou um elevado lugar entre os escritores contemporâneos — *Júlio Dantas*.

1 volume de 288 páginas, broch. . . . **10\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

## À venda a 5.<sup>a</sup> edição dos Motores de Explosão

(COMBUSTÃO INTERNA)

pelo Engenheiro ANTÓNIO MENDES BARATA

Edição actualizada, tratando de todos os tipos de motores Diesel, e apresentando alguns tipos de novos carburadores. Este volume faz parte da magnífica Biblioteca de Instrução Profissional.

1 vol. de 516 págs. com 490 gravuras, encadernado em percalina  
Esc. **30\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

## DOCES E COZINHADOS

RECEITAS ESCOLHIDAS

POR

**ISALITA**

1 volume encader. com  
351 páginas. **25\$00**

DEPOSITÁRIA:

**LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

## O Bébé

A arte de cuidar  
do lactante

Tradução de Dr.<sup>ª</sup> Sára Benoliel e Dr. Edmundo Adler, com um prefácio do Dr. L. Castro Freire e com a colaboração do Dr. Heitor da Fonseca.

Um formosíssimo  
volume ilustrado

**6\$00**

Depositária:

**LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

À venda a 5.<sup>a</sup> edição actualizada  
DE

## MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO

DA Biblioteca de Instrução Profissional

pelo engenheiro João Emílio dos Santos Segurado

Considerações gerais. Pedras de construção, aviamentos, cal, areias, pozolanas, gessos e produtos cerâmicos, madeiras para construções, ferro, metais e substâncias diversas, etc.

1 vol. de 558 págs., com 45 tabelas e 300 gravuras, encadernado em percalina **30\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

## Obras de ALEXANDRE HERCULANO

<b>O Bôbo</b> (Romance histórico). — 1 vol. com 345 páginas, brochado.....	10\$00
<b>Eurico, o presbítero</b> , (Romance). — 388 páginas, brochado.....	10\$00
<b>O monge de Cister</b> , (Romance). 2 vols. com 716 páginas, brochado.....	20\$00
<b>Lendas e Narrativas</b> — 2 vols. com 667 páginas, brochado.....	20\$00
<b>História de Portugal</b> (Nova edição ilustrada com numerosos documentos autênticos). — 8 vols., brochado.....	96\$00
<b>Estudos sobre o casamento civil</b> — 284 páginas, brochado.....	10\$00
<b>História da origem e estabelecimento da Inquisição em Portugal</b> — 3 vols., 1.139 páginas, brochado.....	30\$00
<b>Composições várias</b> — 374 páginas, brochado.....	10\$00
<b>Poesias</b> — 224 páginas, brochado.....	10\$00
<b>Cartas</b> (Inéditas) — 2 vols. com 586 páginas, brochado.....	20\$00

### Opúsculos:

Vol. I <i>Questões públicas</i> — tomo I, 311 páginas	
» II <i>Questões públicas</i> — tomo II, 341 páginas	
» III <i>Controvérsias e estudos históricos</i> — tomo I, 339 páginas	
» IV <i>Questões públicas</i> — tomo III, 300 páginas	
» V <i>Controvérsias e estudos históricos</i> — tomo II, 323 páginas	
» VI <i>Controvérsias e estudos históricos</i> — tomo III, 309 páginas	
» VII <i>Questões públicas</i> — tomo IV, 294 páginas	
» VIII <i>Questões públicas</i> — tomo V, 324 páginas	
» IX <i>Literatura</i> — tomo I, 295 páginas	
» X <i>Questões públicas</i> — tomo VI, 310 páginas	

Cada volume, brochado..... 10\$00

**Scenas de um anno da minha vida e apontamentos de viagem**, coordenação e prefácio de Vitorino Nemésio — 1 vol. de 324 páginas, brochado.....

12\$00

Com encadernação em percalina, mais 5\$00 por volume

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

À venda o 3.<sup>o</sup> milhar da

## ALEMANHA ENSANGÜENTADA

POR AQUILINO RIBEIRO

1 volume de 312 páginas, com capa ilustrada do pintor Roberto, brochado . . . . **12\$00**

Um livro destinado a um grande successo, pois ao nome glorioso do brilhante escritor português, se alia o tema, sempre interessante da Grande Guerra. — A vida alemã. — Berlim. — Da guerra para a paz, soberbamente descrita por AQUILINO RIBEIRO

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Um novo livro do grande escritor Aquilino Ribeiro

# Quando ao gavião cai a pena

1 vol. de 272 págs. **Esc. 12\$00**; pelo correio à cobrança **Esc. 13\$50**

Pedidos aos Editores **LIVRARIA BERTRAND** — Rua Garrett, 73 — LISBOA

## OBRAS DE AGOSTINHO DE CAMPOS

- Alguns aspectos da literatura portuguesa**, por Aubrey F. G. Bell (tradução), br. .... 3\$00
- Comentário leve da Grande Guerra:**
- I — *Europa em guerra* (esgotado).
- II — *O Homem, lobo do Homem* — 304 págs., br. .... 10\$00
- III — *Portugal em Campanha* — 299 págs., br. .... 10\$00
- IV — *Latinos e Germanos* — 319 págs., br. .... 10\$00
- V — *A Carranca da Paz* — 316 págs., br. .... 10\$00
- Ensaio sobre educação:**
- I — *Educação e Ensino* — 317 págs., br. .... 10\$00
- II — *Casa de Pais, Escola de Filhos* — 248 págs., br. .... 10\$00
- III — *Educar, na Família, na Escola e na Vida* — 352 págs., br. .... 10\$00
- IV — *A mãe de todos os vícios* — 293 págs., br. .... 10\$00
- Homem (O), a ladeira e o calhau** — br. .... 10\$00
- Jardim da Europa** — br. .... 10\$00
- Ler e tresler** — br. .... 10\$00
- Lição moral e cívica**, dada perante os alunos do Liceu Pedro Nunes, no primeiro aniversário do assassinio do Presidente Sidónio Pais ..... 3\$00
- O pintor Carlos Reis** — 1 fol. formato grande ..... 4\$00
- Três prosas (As) — A pobre, a rica e a nova rica** — 64 págs., br. .... 3\$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

## À VENDA O 5.º MILHAR

JÚLIO DANTAS

### AS INIMIGAS DO HOMEM

TÍTULOS DOS CAPÍTULOS — Pan e as mulheres — As inimigas do homem — Terceiro sexo — Jus sufragii — A mulher diplomata — As ideias de Madame Agata — A mulher soldado — Delegadas a Gênebra — As calças de Eva — O eleitorado das avós — A mulher jornalista — O problema do amor — Núpcias em avião — Os pais-amas — O exemplo da China — Gentlemen preferir blondes — As revolucionárias do golf — Jurisconsultos de saias — Eva standardizada — As sinistradas da beleza — É preciso ser bela para ser feliz? Mademoiselle Zuca — A idade dos joelhos — Nudistas : : — A dama do pijama verde — As amigas do homem : :

1 volume de 312 páginas, brochado 12\$00 — encadernado 17\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

## Obras de ANTERO DE FIGUEIREDO

- CÓMICOS** (Novela) — 276 págs., brochado ..... 10\$00
- DOIDA DE AMOR** (Novela) — 276 págs., brochado ..... 10\$00
- D. PEDRO E D. INES** (Romance) — 322 págs., brochado... 12\$00
- D. SEBASTIÃO** — 464 págs., brochado ..... 14\$00
- ESPAÑA** — Nova edição ..... no prelo
- JORNADAS EM PORTUGAL** — 404 págs., brochado ..... 12\$00
- LEONOR TELES** (Romance) — 395 págs., brochado ..... 12\$00
- O PADRE SENA FREITAS** (Conferência) — 64 págs., broch. 3\$00
- RECORDAÇÕES E VIAGENS** — 328 págs., brochado ..... 12\$00
- SENHORA DO AMPARO** — 250 págs., brochado ..... 12\$00
- TOLEDO** (Impressões e evocações) — *Índice:* Viagens — A caminho — Chegada — "Plazas y plazuelas; calles e callejones," A Alcáçova da Saúde — As "Sabatinas, na catedral — Missa hispano-gótica — Lealdade lusitana — "El greco" — En "San Juan de los Reys," — Conventos — A Ponte de S. Martinho — O palácio de Fuensalida — Treva! — Certo púlpito! — Último dia, última noite — Volta — 226 págs., brochado ..... 10\$00
- O ÚLTIMO OLHAR DE JESUS** — 375 págs., brochado ..... 12\$00
- A ARTE NA EDUCAÇÃO DA MULHER** — (Conferência) Esgotado.
- MARIA AMÁLIA VAZ DE CARVALHO** — (Discurso) Esgotado.
- MIRADOURO, Tipos e Casos** — 320 págs., brochado ..... 12\$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

## OBRAS DE SAMUEL MAIA

- Sexo Forte** — (3.ª edição), 1 vol. enc. 15\$00; br. ... 10\$00
- Braz Cadunha** — 1 vol. br. .... 6\$00
- Entre a vida e a morte** — 1 vol. enc. 12\$00; br. .... 7\$00
- Luz perpetua** — 1 vol. enc. 12\$00; br. .... 7\$00
- Língua de Prata** — 1 vol. enc. 13\$00; br. .... 8\$00
- Mudança d'Ares** — 1 vol. br. .... 10\$00
- Por terras estranhas** — 1 vol. br. .... 4\$00
- Meu (O) menino** — (3.ª edição), 1 vol. enc. 17\$00; br. 12\$00
- Manual de Medicina Doméstica**, indispensável em todas as casas (2.ª edição), 1 vol. de 958 páginas, profusamente ilustrado, encadernado em percalina ..... 35\$00

À venda em todas as livrarias

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — 73, Rua Garrett, 75

LISBOA

# OBRAS DE JULIO DANTAS

## PROSA

ABELHAS DOIRADAS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00;	
br. ....	8\$00
— (1.ª edição), 1 vol. br. ....	15\$00
ALTA RODA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br. ....	12\$00
AMOR (O) EM PORTUGAL NO SÉCULO XVIII — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br. ....	12\$00
AO OUVIDO DE M. <sup>me</sup> X. — (5.ª edição) — O que eu lhe disse das mulheres — O que lhe disse da arte — O que eu lhe disse da guerra — O que lhe disse do passado, 1 vol. Enc. 14\$00; br. ....	9\$00
ARTE DE AMAR — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br. ....	10\$00
AS INIMIGAS DO HOMEM — (5.º milhar), 1 vol. Enc. 17\$00; br. ....	12\$00
CARTAS DE LONDRES — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br. ....	10\$00
COMO ELAS AMAM — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. ....	8\$00
CONTOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. ....	8\$00
DIALOGOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. ....	8\$00
DUQUE (O) DE LAFÕES E A PRIMEIRA SESSÃO DA ACADEMIA, 1 vol. br. ....	15\$50
ELES E ELAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. ....	8\$00
ESPADAS E ROSAS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. ....	8\$00
ETERNO FEMININO — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br. ....	12\$00
EVA — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br. ....	10\$00
FIGURAS DE ONTEM E DE HOJE — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. ....	8\$00
GALOS (OS) DE APOLO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. ....	8\$00
MULHERES — (6.ª edição), 1 vol. Enc. 14\$00; br. ....	9\$00
HEROISMO (O), A ELEGÂNCIA E O AMOR — (Conferências), 1 vol. Enc. 11\$00; br. ....	6\$00
OUTROS TEMPOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. ....	8\$00
PÁTRIA PORTUGUESA — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$50; br. ....	12\$50
POLÍTICA INTERNACIONAL DO ESPÍRITO — (Conferência), 1 fol. ....	2\$00
UNIDADE DA LÍNGUA PORTUGUESA — (Conferência), 1 fol. ....	1\$50

## POESIA

NADA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br. ....	6\$00
SONETOS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 9\$00; br. ....	4\$00

## TEATRO

AUTO D'EL-REI SELEUCO — (2.ª edição), 1 vol. br. ....	3\$00
CARLOTA JOAQUINA — (3.ª edição), 1 vol. br. ....	3\$00
CASTRO (A) — (2.ª edição), br. ....	3\$00
CEIA (A) DOS CARDIAIS — (27.ª edição), 1 vol. br. ....	1\$50
CRUCIFICADOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. ....	8\$00
D. BELTRÃO DE FIGUEIRÓA — (5.ª edição), 1 vol. br. ....	3\$00
D. JOÃO TENÓRIO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. ....	8\$00
D. RAMON DE CAPICHUELA — (3.ª edição), 1 vol. br. ....	2\$00
MATER DOLOROSA — (6.ª edição), 1 vol. br. ....	3\$00
1023 — (3.ª edição), 1 vol. br. ....	2\$00
O QUE MORREU DE AMOR — (5.ª edição), 1 vol. br. ....	4\$00
PAÇO DE VEIROS — (3.ª edição), 1 vol. br. ....	4\$00
PRIMEIRO BEIJO — (5.ª edição), 1 vol. br. ....	2\$00
REI LEAR — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 14\$00; br. ....	9\$00
REPOSTEIRO VERDE — (3.ª edição), 1 vol. br. ....	5\$00
ROSAS DE TODO O ANO — (10.ª edição), 1 vol. br. ....	2\$00
SANTA INQUISIÇÃO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br. ....	6\$00
SEVERA (A) — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. ....	8\$00
SOROR MARIANA — (4.ª edição), 1 vol. br. ....	3\$00
UM SERÃO NAS LARANGEIRAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. ....	8\$00
VIRIATO TRÁGICO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. ....	8\$00

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

Rua Garrett, 73 e 75 — LISBOA

A obra mais luxuosa e artística dos últimos tempos em Portugal

# HISTORIA DA LITERATURA PORTUGUESA

ILUSTRADA

publicada sob a direcção

de

Albino Forjaz de Sampaio

da Academia das Ciências de Lisboa

Os três volumes publicados da HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA, ILUSTRADA, compreendem desde as suas origens aos fins do século XVIII. Impressa em magnífico papel couché os seus três volumes são um album e guia da literatura portuguesa contendo além de estudos firmados pelas maiores autoridades no assunto, gravuras a côres e no texto de documentos, retratos de reis, sábios, poetas, e escritores, vistas, gravuras, quadros, autógrafos, portadas de edições raras ou manuscritos preciosos, monumentos de architectura, estátuas, cerâmica, ourivesaria, tapeçaria, mobiliário, bandeiras, armas, selos e moedas, lápides, usos e costumes, bibliotecas, músicas, iluminuras, letras ornadas, fac-similes de assinaturas, plantas de cidades, encadernações, códices antigos, vinhetas, marcas tipográficas, etc. O volume 1.º com 11 gravuras a côres fóra do texto e 1005 no texto; o 2.º com 11 gravuras a côres e 576 gravuras no texto e o 3.º com 12 gravuras fora do texto e 576 dentro o que constitui um núcleo de **1.168 páginas com 34 gravuras fóra do texto e 2.175 gravuras no texto.**

A HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA ILUSTRADA, é escripta pelas **mais eminentes figuras da especialidade**, nomes escolhidos entre os membros da Academia das Ciências de Lisboa, professores das Universidades, directores de Museus e Bibliotecas, nomes que são imperecíveis nas letras portuguezas. Assim sobre vários assuntos firmam artigos A. Botelho da Costa Veiga, Afonso de Dornelas, Afonso Lopes Vieira, Agostinho de Campos, Agostinho Fortes, Albino Forjaz de Sampaio, Alfredo da Cunha, Alfredo Pimenta, António Baião, Augusto da Silva Carvalho, Conde de Sam Payo, Delfim Guimarães, Fidelino de Figueiredo, Fortunato de Almeida, Gustavo de Matos Sequeira, Henrique Lopes de Mendonça, Hernâni Cidade, João Lúcio de Azevedo, Joaquim de Carvalho, Jordão de Freitas, José de Figueiredo, José Joaquim Nunes, José Leite de Vasconcelos, José de Magalhães, José Maria Rodrigues, José Pereira Tavares, Júlio Dantas, Laranjo Coelho, Luis Xavier da Costa, Manuel de Oliveira Ramos, Manuel da Silva Gaio, Manuel de Sousa Pinto, Marquês Braga, Mosés Bensabat Amzalak, Nogueira de Brito, Queiroz Veloso, Reinaldo dos Santos, Ricardo Jorge e Sebastião da Costa Santos.

Cada volume, encadernado em percalina 160\$00

” ” ” ” carneira 190\$00



Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA



UMA OBRA QUE É UMA FORTUNA

# LIVRO DE OURO DAS FAMÍLIAS

ENCICLOPÉDIA DOMÉSTICA

**NOVA EDIÇÃO MUITO AMPLIADA**

COLECÇÃO METÓDICA DE

**7.113 RECEITAS**

**OBRA ILUSTRADA COM 200 GRAVURAS**

Coordenação de SEAROM LAEL

## O LIVRO DE OURO DAS FAMÍLIAS

é uma obra indispensável em todos os lares. Guia das boas donas de casa, satisfaz também plenamente quanto sobre todos os ramos profissionais e artísticos a queiram compulsar, podendo afirmar-se que nela encontrarão incluídos conhecimentos de valia.

Obra de incontestável utilidade para toda a gente

## No LIVRO DE OURO DAS FAMÍLIAS

são tratados todos os assuntos que muito interessam à vida prática, como os referentes a:

Adorno de casa — Medicina prática — Maternidade  
— Mobiliário — Jardinagem — Farmácia doméstica  
— Géneros alimentícios — Lavagens — Colas —  
Vernizes — Higiene — Conservas — Animais domésticos —  
Perfumarias — Iluminação e calefação  
— Couros e peles — Metais — Doçaria — Massas  
e cimentos — Socorros de urgência — Lances e  
passatempos — Rendas e bordados — Tintas —  
Tecidos e vestidos — Estrumes e adubos, etc., etc., etc.

**A UTILIDADE DE UMA SÓ RECEITA PAGA O LIVRO!**

*Um grosso vol. de 1.192 páginas, encadernado em percalina . . . Esc. 30\$00*

Pelo correio à cobrança, **Esc. 33\$00**

**Pedidos à LIVRARIA BERTRAND**

**73, Rua Garrett, 75 — LISBOA**

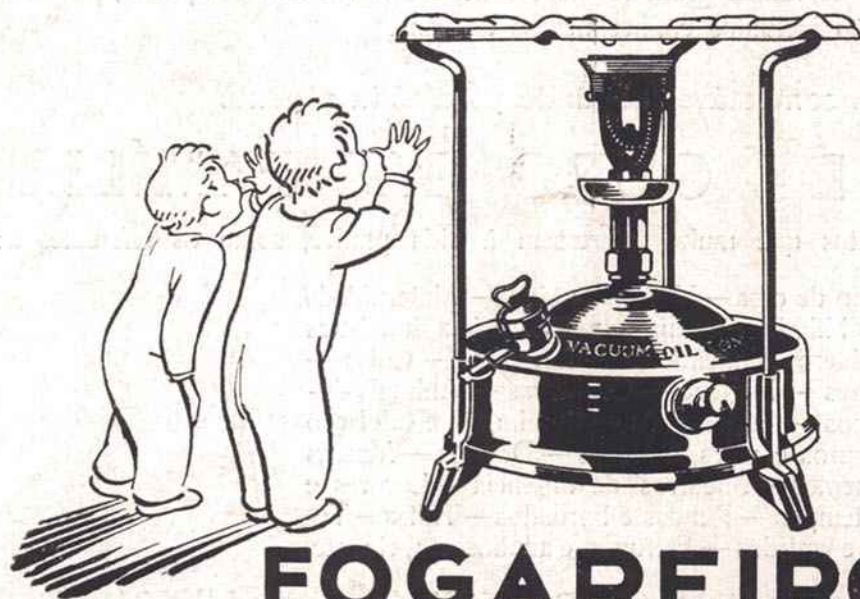
A bruxa  
não teme  
medo



Desde que se beba sempre água fervida não há perigo do tifo.

E, para ferver água depressa, nada há como o Fogareiro de Pressão Vacuum.

Só é Fogareiro de Pressão Vacuum aquele que traz a marca VACUUM.



# FOGAREIROS VACUUM

USAR SEMPRE PETROLEO SUNFLOWER